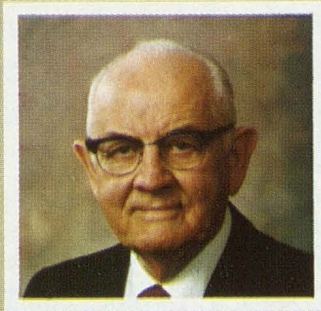


A^{35/4} ABRIL 1982
Liahona



Spencer Kimball



GM
M205.5
L694PO
V.35
1982

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EDITOR:
M. Russell Ballard

EXECUTIVO DO «INTERNACIONAL MAGAZINE»:
Larry Hiller, Editor Gerente;
David Mitchel, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, desenhista;
Norman Price, produção.

EXECUTIVO DE «A LIAHONA»:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

ABRIL DE 1982
PBMA0427PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: "CREMOS EM SER CASTOS", Presidente Marion G. Romney.
4. **PERGUNTAS E RESPOSTAS**, Leland H. Gentry
7. **O MAIS IMPORTANTE TRABALHO NA IGREJA**, Roger L. Rice
9. "SEM MIM NADA PODEIS FAZER", Mark Hart
11. **AS JANELAS DO CÉU**, Neli A. Rogers
13. **A DIVINA LEI DO DÍZIMO**, Louise A. Kelly
14. **SUCESSO NO CASAMENTO**, Hugh W. Pinnock
22. **OS SEIS MELHORES DISCURSOS QUE JÁ OUVI**, Thomas W. Ladanye
28. "POR SER O CHRISTIAN", Archie M. Brugger
30. **AMADO JOHNNY**, Gordon Allred
38. **SOU APENAS UM RAPAZ**, Élder Neal A. Maxwell
42. **A VOZ SUAVE E MANSA**, Kent A. Farnsworth
47. **O PRESIDENTE KIMBALL FALA A RESPEITO DA OBRA MISSIONÁRIA**, Spencer W. Kimball

SEÇÃO INFANTIL

- I. **A BOTA**, Nanette Larsen
- V. **QUADRO MISTERIOSO**, Mick Reasor
- VII. **MEDE-PALMO**, Paula DePaolo

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Presidente Belle Spafford
- II Estaca Maceió Brasil
- III Centro de Treinamento Missionário — Dedicção do Edifício
- IV Novo Hamburgo
- VI A Capela de Ribeirão Pires
- VII Um Valoroso Soldado
- VIII Estaca Porto Alegre Norte Leva ao Palco Duas das Mais Belas Cenas da História
- IX Programa Cultural e Missionário
- X Servir ao Próximo
Meu Testemunho
- XI Seja Feita a Vossa Vontade
- XII Espere um Pouco
Carta a um Amigo
- XIII O Farol Amigo
- XIV A Obra Missionária
- XV Como Poupar Gasolina

SOBRECAPA:

O Presidente Kimball Fala a Respeito da Obra Missionária, p. 47

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 200,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 20,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

CREMOS EM SER CASTOS



Presidente Marion G. Romney

Certamente estais lembrados do ensinamento de Alma a seu filho Corianton de que a falta de castidade é a mais séria ofensa a vista de Deus, depois do assassinato ou negação do Espírito Santo. (Vide Alma 39:5.) Também vos lembrais destas palavras de Paulo na primeira epístola aos coríntios:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”

“Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá.” (1 Cor. 3:16-17.)

Não consigo imaginar bên-

ções mais preciosas que as prometidas aos puros e virtuosos. Jesus mencionou recompensas específicas para diversas virtudes, mas reservou a maior, parece-me, para os puros de coração; “porque”, afirma, “eles verão a Deus”. (Mateus 5:8.) E não só verão a Deus, mas sentir-se-ão à vontade em sua presença. Eis sua promessa:

“Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus.” (D&C 121:45.)

As recompensas da virtude e

conseqüências da lascívia são dramaticamente ilustradas na vida de José e Davi. José, embora escravo no Egito, manteve-se firme, mesmo sujeito às pressões de grande tentação, foi recompensado com as melhores bênçãos entre todos os filhos de Jacó e tornou-se o progenitor das duas tribos preferidas de Israel. Muitos se orgulham de serem contados entre sua posteridade.

“Não consigo imaginar bênçãos mais preciosas que as prometidas aos puros e virtuosos.”

Davi, por outro lado, ainda que supremamente favorecido pelo Senhor — considerado por Deus “varão conforme o meu coração” (vide Atos 13:22) — deixou-se induzir pela lascívia a matar. E quais foram as conseqüências? Caiu como Lúcifer: perdeu sua família e a exaltação. (Vide D&C 132:39.)

Assim tem sido e sempre será; as leis da recompensa não nos permitem transgredir impunemente o sétimo mandamento: “Não adulterarás.” (Êxodo 20:14.) Na lei mosaica, esse pe-

cado era punido com a morte. Embora a transgressão da lei da castidade seja tolerada impunemente nesta geração de corrupta permissividade, sob a lei divina de Deus continua sendo o que sempre foi — um pecado que destrói a alma. Sua penalidade automática é a morte espiritual. Nenhum adúltero impenitente está magnificando seu chamado no sacerdócio; e, conforme costumava dizer o Presidente J. Reuben Clark Jr., o Senhor não faz “nenhuma distinção... sutil entre adultério e fornicação.” (Em Conference Report, outubro de 1949, p. 194.) Tampouco, permiti-me acrescentar, ele faz tal distinção entre adultério e perversão sexual.

Fui informado de que, em certos círculos, o ensino da pureza pessoal é considerado ultrapassado, e a promiscuidade e outras práticas sexuais degeneradas são toleradas e até mesmo incentivadas. Não vos deixeis iludir por semelhantes sofismas satânicos, pois, na verdade, são obra do maligno.

Num discurso de conferência em outubro de 1938, dizia o Presidente Clark: “A castidade é fundamental para nossa vida e civilização. Se a raça humana se tornar impura, perecerá. A imoralidade tem sido a causa da destruição de poderosas nações do passado; ela levará ao pó as grandes potências de hoje...”

“Jovens — insto-vos a serdes castos. Acreditai-me, por favor,

quando vos digo que a castidade vale mais que a própria vida. Esta é a doutrina que aprendi de meus pais: é a verdade. É melhor morrer puro do que viver impuro. A própria salvação de nossa alma está em jogo.” (Conference Report, outubro de 1938, pp. 137-38.)

Bem, meus caros amigos, sei que não há nada de novo no que eu disse. São coisas comprovadas pelo tempo; são verdadeiras. Disto eu testifico.

Sugestões para os Mestres Familiares

1. Externe o que sente com respeito às bênçãos decorrentes da obediência à lei da castidade.
2. O artigo cita algumas passagens de escritura ou outras cita-

ções que a família poderia ler em voz alta, ou existe alguma escritura suplementar que poderiam ler juntos?

3. Diz o Presidente Romney: “Sob a lei divina de Deus — a imoralidade continua sendo o que sempre foi — um pecado que destrói a alma. Sua penalidade automática é a morte espiritual.” Discuta alguns dos motivos de a imoralidade trazer a morte espiritual (separação de Deus). E por que a castidade e virtude trazem “confiança... na presença de Deus”?

4. Debata como podemos preparar-nos para sempre cumprir a lei da castidade.

5. Ficaria melhor este debate após uma conversa preliminar com o chefe da família?

CALOR INTERNO

Ao sair de casa, um desses dias, tropecei numa noz e levei-a comigo para o trabalho. Tenho-a agora na mão e a contemplo como um símbolo da vida. Esta noz tem uma casca resistente. Se pudéssemos examinar seu interior, descobriríamos um grande emaranhado de películas de reforço. E, nesses labirintos internos, uma substância dotada de poder gigantesco. Se plantarmos esta semente no solo, em condições propícias, o calor desenvolver-se-á no interior. Podemos acender uma tocha fora da noz sem obter resultado algum; mas, quando o calor se desenvolve dentro de uma pessoa ou de uma noz, coisas importantes principiam a acontecer. No caso da noz, surge um grande poder, que rompe essa casca resistente como se fora papel, e um pequeno broto é enviado para o alto em sua importante missão de buscar o sol. A noz traz em si a capacidade de retirar dos elementos da água, do solo e do ar todos os ingredientes necessários para se tornar uma grande noqueira, com madeira e folhagem, botões, fragrância e frutos, multiplicando aos milhões o investimento original. Mas Deus não colocou seus melhores dons numa noz. A alma humana foi criada a sua imagem e cada ser foi dotado de potencialidades e atributos de divindade. A maior idéia que conheço é a de que todos os que vivem os princípios do evangelho de Cristo receberão um poder muito mais extraordinário pelo qual poderão retirar de seu ambiente os elementos necessários para tornarem-se como o próprio Deus. Que ele abençoe nossos esforços nesse sentido.

Sterling W. Sill

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas como orientação e não como pronunciamentos oficiais da Igreja.



Leland H. Gentry, instrutor do Instituto de Religião de Salt Lake, Universidade de Utah.

P. Se a única maneira de se entrar no reino celestial é através do batismo, as crianças pequenas que falecem antes de serem batizadas, não terão de ser batizadas alguma época futura?

○ Livro de Mórmon (Morôni 8:10-12) e a visão do reino celestial de Joseph Smith (D&C 137) deixam claro que o batismo de crianças pequenas, nesta vida, não é aceitável ao Senhor. Por outro lado, as escrituras afirmam que ninguém poderá entrar no reino dos céus, se não for batizado (ver João 3:5; 2 Néfi 31:5-13). Até mesmo Jesus, certamente isento de pecado, submeteu-se ao batismo, a fim de “cumprir toda a justiça de Deus”. (Mat. 3:13-17.) Aparentemente, esse paradoxo originou sua confusão.

A questão pode ser esclarecida, recorrendo-se a mais algumas escrituras. O batismo é uma ordenança realizada para “a remissão dos pecados”. (D&C 49:13.) Quando devidamente executado, ele oferece ao pecador penitente oportunidade de revestir-se de Cristo (Gal. 3:27) e de andar em “novidade de vida”. (Rom. 6:4.) Manifesta a aceitação voluntária da expiação de Cristo e o compromisso de seguir o exemplo perfeito de Jesus em todas as coisas. (Ver 2 Néfi 31:10,13,16.) O batismo marca ainda nossa filiação formal à

Igreja de Jesus Cristo.

Assim sendo, o batismo tem uma importante relação com a responsabilidade. A pessoa é considerada responsável, quando entende a justiça ou erro de suas ações. Isto é particularmente importante no convênio do batismo. É imperativo entender por que e com quem se faz o convênio. Quando a gente chega a esse ponto de entendimento, diz-se que alcançamos a “idade da responsabilidade”. (D&C 18:42.) Dali em diante, somos responsáveis por todos os nossos atos.

Por isto, “ninguém pode ser recebido na Igreja de Cristo a não ser que tenha alcançado a idade de responsabilidade diante de Deus, e seja capaz de se arrepende”. (D&C 20:71.) É o que Mórmon diz precisamente em O Livro de Mórmon. É “uma burla solene perante Deus”, afirma ele, batizar crianças pequenas, pois o batismo destina-se para os “que são responsáveis e capazes de cometer pecados”. (Morôni 8:9-10.) O Senhor determinou a idade de oito anos para o batismo das crianças “para a remissão de seus pecados”. (D&C 68:27.) É nessa idade que as

crianças começam a tornar-se responsáveis perante ele. (D&C 29:47.)

Agora, e a criança que morre antes dessa idade? Será que, apesar de não necessitar do batismo para a remissão dos pecados, ainda assim precisa dele para entrar no reino celestial?

A dúvida, provavelmente, decorre do ensinamento da Igreja de que o batismo é essencial à pessoa a fim de qualificar-se para o mais elevado grau de glória. Porém, “as criancinhas vivem em Cristo”. (Morôni 8:12,19; ver Moisés 6:54.) A expiação do Salvador cobre quaisquer transgressões que possam ter cometido em sua ignorância; como não são ainda responsáveis, não podem pecar. Por estes motivos, segundo o Profeta Joseph Smith, elas “são salvas no reino celestial”. (D&C 137:10.) À pergunta se essa salvação é ou não automática sem batismo, o Élder Bruce R. McConkie, do Quorum dos Doze, diz: “A resposta é um retumbante *sim*. Isto Jesus ensinou. E Mórmon repetiu-o diversas vezes, como também muitos dos profetas, pois é o que está implícito no

plano de salvação. Caso contrário, a salvação não seria infinita.” (“A Salvação das Criancinhas”, *A Liahona*, março de 1978, p. 6.)

Garantido, pois, que as crianças são salvas no reino celestial, isto quer dizer que serão exaltadas e terão vida eterna? E se assim for, em algum ponto de seu progresso, precisarão submeter-se às ordenanças do batismo, conferimento do Espírito Santo, endowment e casamento no templo? A primeira pergunta foi respondida pelo Profeta Joseph Smith, quando diz que “as criancinhas serão entronizadas na presença de Deus” e “ali gozarão da plenitude dessa luz, glória e inteligência, preparadas no reino celestial”. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 195.)

Quanto à segunda questão, Néfi explica que o batismo do Salvador demonstrou sua disposição de ser obediente ao Pai em todas as coisas (2 Néfi 31:7), deu-nos o exemplo indicando “quão apertado é o portão” pelo qual devemos entrar no reino de Deus (v. 9), e deu a Cristo o direito de dizer: “Segui-me.” (v. 10.) Contudo, precisamente o que o Senhor requererá em forma de ordenanças ou outros re-

quisitos dos espíritos que morrem na primeira infância, a fim de poderem receber a exaltação, não nos foi revelado. É certo que não fazemos endowments em favor das crianças que falecem antes de atingir a idade de responsabilidade, nem as selamos a um cônjuge. Mas isto não significa que ficarão sem as bênçãos dessas ordenanças. O Presidente Joseph Fielding Smith disse certa vez:

“O Senhor concederá a essas crianças os privilégios de todas as bênçãos seladoras pertencentes à exaltação.

“Todos nós éramos espíritos adultos antes de nascer, e o corpo das criancinhas crescerá após a ressurreição até a plena estatura do espírito, e terão todas as bênçãos, através de sua obediência, como se tivessem vivido até a maturidade e as recebido na terra...

“O Senhor é justo, e não privará pessoa alguma de uma bênção, simplesmente por ter morrido antes de poder recebê-la. Seria manifestamente injusto privar uma criancinha de receber todas as bênçãos da exaltação no mundo vindouro, simplesmente porque morreu na infância.” (*Doutrinas de Salvação*, vol. II, p. 54.)

O Mais Importante Trabalho na Igreja

Roger L. Rice

Suponha que o bispo o chame ao seu escritório após a reunião sacramental e lhe comunique:

— Eu tenho um chamado muito importante para você, aqui na ala. Gostaria de que fosse o encarregado dos hinários para o coro.

O que faria? Talvez pensasse: “Ora, bispo, um trabalho tão simples! Por que não me dá algo mais importante, difícil e absorvente, como presidente dos Rapazes ou da Sociedade de Socorro — um cargo em que realmente possa ser útil?” Porém, como aprendeu a jamais recusar um chamado, você sorri e diz:

— Eu *adoraria* ser o encarregado dos hinários.

No primeiro dia em seu novo chamado, você chega meia-hora antes do ensaio e distribui os hinários meticulosamente; no fim, apressa-se a recolhê-los e guardá-los no devido

lugar. Ninguém, você observa, lhe dá um abraço e o elogia por sua presteza. Na semana seguinte, você chega um pouco mais tarde e se desincumbe apressadamente de sua obrigação. Na terceira semana, você nem aparece. Afinal, é um trabalho *tão* insignificante!

Pode ser verdade que encarregar-se dos hinários não seja o encargo mais difícil na Igreja. O trabalho mais difícil na Igreja é aquele que começa com as palavras “sou apenas” — “sou apenas” um mestre familiar; “sou apenas” uma professora visitante; “sou apenas” o recepcionista; “sou apenas” um diácono. O trabalho mais *importante* na Igreja, por outro lado, é aquele em que se serve com disposição e fidelidade.

Cheguei à conclusão de que existem três tipos de ocupantes de car-

gos na Igreja. Um deles é aquele que diz: “Sim, eu faço o trabalho”, mas depois não cumpre o que lhe compete. Outro é aquele que faz o trabalho, porém apenas o mínimo do que lhe compete fazer (e na verdade, sem muito gosto). O terceiro é aquele que não somente cumpre suas obrigações, mas também não se furta a andar a segunda milha.

Você poderia perguntar: — Mas como pode um encarregado dos hinários do coro andar a segunda milha?

Vejamos. Poderia notar que diversos hinários estão com a capa meio estragada e dar-se ao trabalho de consertá-los. Em alguns deles, talvez faltem mesmo páginas; então você tira cópias “xerox” dessas páginas e as insere no devido lugar. Talvez possa mesmo confeccionar uma caixa ou sacola para carregar os hinários e não deixá-los cair durante a distribuição ou recolhimento. Existem muitas maneiras de a gente melhorar o serviço.

Gostaria de falar-lhe de alguns servidores na Igreja que andaram a segunda milha. O Presidente A. Harold Goodman, da presidência do Templo de Provo, residiu certa época em Tucson, no Arizona, onde foi designado mestre familiar de um irmão que ninguém até aí conseguira visitar. Depois de várias tentativas fracassadas de encontrá-lo em casa, procurou os vizinhos e descobriu que ele trabalhava em dois empregos e saía de casa às 5h30m da manhã. Então, às 5h30m

da manhã seguinte, o Irmão Goodman estava sentado na varanda; quando viu as luzes se acenderem na casa, pôs-se de pé e bateu à porta. O tal irmão atendeu, e o Irmão Goodman apresentou-se:

— Bom dia, sou seu mestre familiar.

O dono da casa ficou surpreso que houvesse alguém tão interessado nele e acabou tornando-se um grande amigo do Irmão Goodman.

Tenho uma tia que vive em Ogden, Utah, que conta que, quando mocinha, teve um inesquecível professor de Escola Dominical. Ao ser chamado, declarou: “Ser professor da Escola Dominical é o mais importante chamado na Igreja”, e de fato ele foi o melhor que ela teve em toda a vida. Seu nome? David O. McKay.

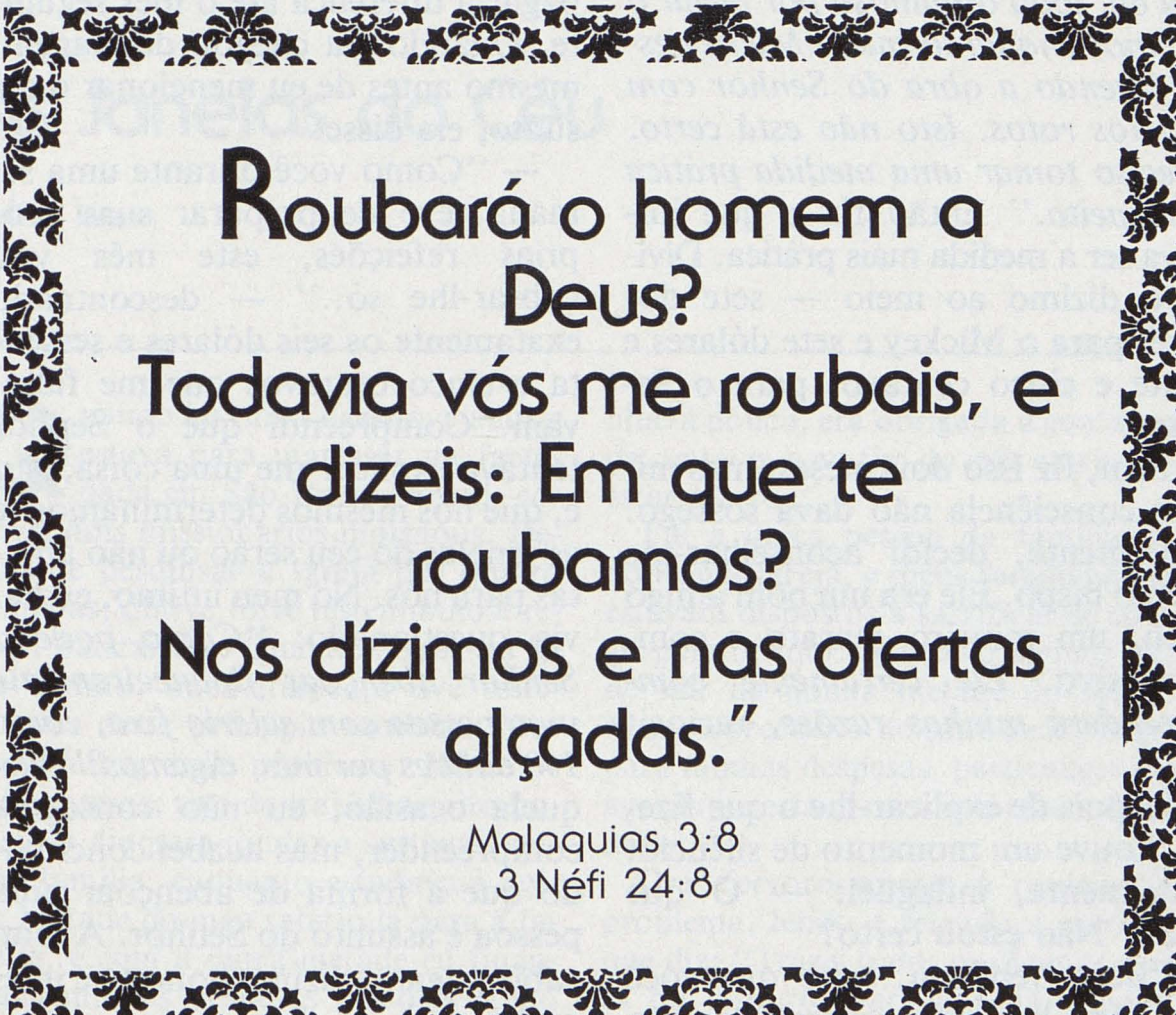
Creio que o mais importante trabalho na Igreja é aquele de que estamos encarregados agora. Talvez você nem tenha um cargo específico. Lembro-me de uma ala em que simplesmente não existiam cargos suficientes para todo mundo; então o bispo convocou alguns membros ao seu escritório e os encarregou de serem membros celestiais — dando bom exemplo aos outros; integrando os não totalmente integrados; participando cem por cento de tudo. Um chamado muito importante — tão importante como *qualquer* chamado que tenhamos ou venhamos a ter no reino de Deus. Pois é servindo em retidão que abençoamos nossa própria vida, enriquecemos a vida de nosso próximo e promovemos a obra do Senhor.

"Sem Mim Nada Podeis Fazer"

Mark Hart

Em 1932, a Grande Depressão atingira seu ponto máximo. De cada dez formandos, apenas um conseguia um emprego. Eu fui um desses afortunados, com salário de 1140 dólares pelo ano escolar de oito meses. Fiquei radiante — senti-me milionário!

Era o meu primeiro emprego remunerado, e graças ao exemplo de pais justos, estava decidido a pagar um dízimo integral desde o início. O Presidente Heber J. Grant de facto me convencera de que não me poderia dar ao luxo de não pagar honestamente o dízimo. Além



Roubará o homem a
Deus?

Todavia vós me roubais, e
dizeis: Em que te
roubamos?

Nos dízimos e nas ofertas
alçadas."

Malaquias 3:8
3 Néfi 24:8

disso, é tão fácil: basta transportar a vírgula uma casa para a esquerda. Até mesmo eu conseguia entender o cálculo. Por isso, ao receber meu primeiro cheque, peguei 14 dólares e 25 centavos e levei ao bispo. Nos meses seguintes, agi da mesma forma. Então recebi uma carta de meu irmão Mickey, que cumpria missão na Califórnia e dizia mais ou menos: “Todas as manhãs recorto uma palmita de papelão para cada sapato. Isto evita que eu deixe a impressão de meus pés no cimento de Hollywood.”

Pensei comigo mesmo: “*Aqui estou eu, todo orgulhoso por pagar o dízimo, enquanto que o Mickey está fazendo a obra do Senhor com sapatos rotos. Isto não está certo. Preciso tomar uma medida prática a respeito.*” Então fiz o que julgava ser a medida mais prática. Dividi o dízimo ao meio — sete dólares para o Mickey e sete dólares e vinte e cinco centavos para o Senhor.

Bem, fiz isso dois meses, mas minha consciência não dava sossego. Finalmente, decidi aconselhar-me com o bispo. Ele era um bom amigo meu, um mineiro sensato e compreensivo. *Ele certamente compreenderá minhas razões, raciocinei.*

Depois de explicar-lhe o que fizera, houve um momento de silêncio. Finalmente, indaguei: — O que acha? Não estou certo?

“Bem, replicou, acho que você tem sido bastante generoso com o

dinheiro do Senhor.”

A seguir, acrescentou: — “Se quer ajudar seu irmão, você deve fazê-lo com sua parte do dinheiro, e não com a do Senhor”.

Sua resposta surpreendeu-me, mas também me impressionou sua sabedoria.

No mês seguinte, depois de somar minhas contas, descobri que me faltavam 6 dólares e 65 centavos para pagar tudo. Depois de uma noite sem dormir, concluí que o dízimo tinha primazia. Confiava em que minha senhoria, que estava viajando, me concederia crédito para pagar a diferença até o mês seguinte. Quando ela chegou de viagem, mesmo antes de eu mencionar o assunto, ela disse:

— “Como você durante uma semana teve de preparar suas próprias refeições, este mês vou cobrar-lhe só..” — descontando exatamente os seis dólares e sessenta e cinco centavos que me faltavam. Compreendi que o Senhor tentava explicar-me uma coisa, isto é, que nós mesmos determinamos se as janelas do céu serão ou não abertas para nós. No meu íntimo, eu havia questionado: “*Como pode o Senhor abençoar financeiramente uma pessoa com salário fixo, como 140 dólares por mês, digamos?*” Naquela ocasião, eu não conseguia compreender, mas acabei concluindo que a forma de abençoar uma pessoa é assunto do Senhor. A mim cabia pagar o dízimo honesta e integralmente.

Agora, passados quarenta anos, assombra-me a multiplicidade de bênçãos que o Senhor tem derramado sobre mim — bênçãos que ultrapassam em muito meu merecimento: paz interior, bem-estar mental, confiança inabalável, uma esposa amorosa e nove filhos, um lar, um negócio compensador — sim, tudo isso e mais miríades de outras bênçãos que o dinheiro não pode com-

prar. É realmente verdade o que o Senhor prometeu por intermédio do profeta: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimentos na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu vos não abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.” (Malaquias 3:10.)

As Janelas do Céu

Neli A. Rogers

Quando eu tinha dezenove anos e estava para ingressar na faculdade em São Paulo, Brasil, conheci dois missionários mórmons. Depois de pesquisar a Igreja por quatro semanas, obtive forte testemunho e resolvi batizar-me. Quando soube da lei do dízimo, imediatamente tive testemunho deste princípio também. Mas havia um grande problema. Desde os quinze anos, tive de trabalhar oito horas por dia para ajudar a sustentar minha família, enquanto estudava à noite. Metade do meu salário ia para a família, e com a outra metade eu financiava minhas despesas pessoais como roupa, escola e condução. Como ga-

nhava pouco, era obrigada a contar cada centavo, e no fim do mês costumava estar a zero.

Fui a única pessoa da família que aceitou a Igreja, e meus familiares não estavam dispostos a sacrificar-se comigo pelo dízimo. Assim, o dízimo teria de sair da minha metade do salário. Mas eu precisava de cada centavo dele para minhas despesas, particularmente agora que estava para começar a faculdade.

Orei fervorosamente a respeito do problema, lendo e relendo a escritura que diz: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimentos na minha casa, e depois fazei

prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.” (Mal. 3:10.) Esta escritura me confortou e decidi que, do dia em que me filiasse à Igreja, pagaria o dízimo.

Pouco depois de haver pago o primeiro dízimo, meu chefe disse-me que uma vez que eu ia começar a faculdade, precisaria de mais tempo para estudar e mais dinheiro. Por isso me deixaria sair uma hora e meia antes dos ou-

tros funcionários e me daria um aumento de cinquenta por cento — a partir daquele mês!

Mal conseguia acreditar no que ouvia, pois não pedira coisa alguma. Mas era verdade. Depois que ele saiu, voltei a lembrar-me da passagem de Malaquias. Soube então que o Senhor estava cumprindo a parte dele do acordo.

Desde aí, sempre tive o necessário para minhas necessidades, e sei que é devido ao Senhor haver-me abençoado conforme prometeu através do Profeta Malaquias.

**“Trazei todos os dízimos
à casa do tesouro... e
depois fizeti prova de
mim.”**



A Divina Lei do Dízimo

Louise A. Kelly

Durante os anos de crise da década de 1930, vivíamos num pequeno sítio em Nova Jersey, cujo solo pobre pouco produzia. Morangos eram a única cultura que correspondia aos nossos esforços, mas a época da safra era tão curta e nosso rendimento anual tão pequeno, que mal valia mencionar.

Eu vendia os morangos em cestos de um litro na frente da casa, situada junto a uma estrada rural. A safra toda rendeu-nos quarenta dólares, o único dinheiro vivo que víamos há muito tempo. Quatro dólares parecia uma soma tão ínfima para oferecer como dízimo e, com quatro filhos pequenos, precisávamos desesperadamente de dinheiro para muitas coisas. Mas eu decidi pagar o dízimo e assim fiz.

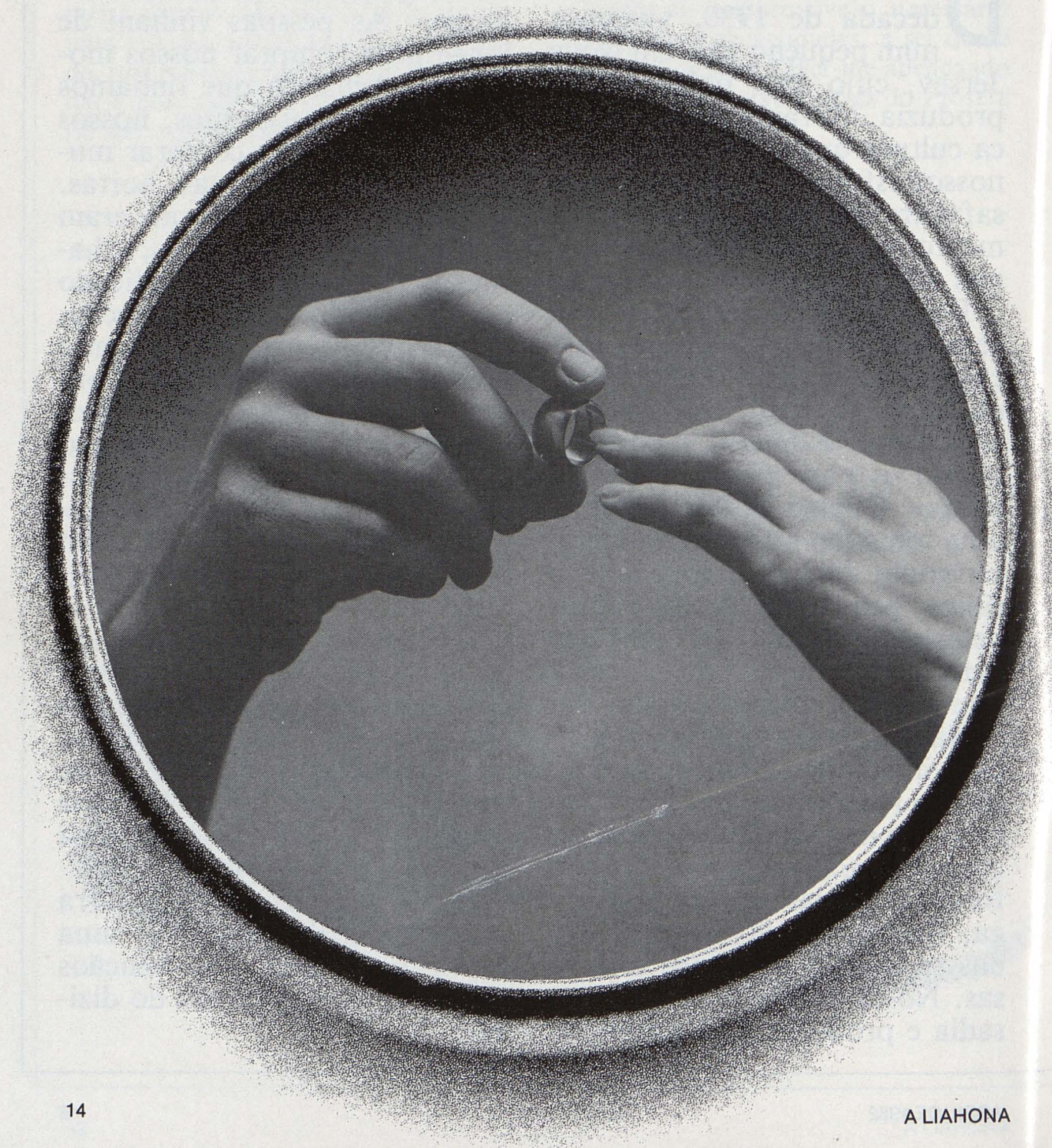
Não notamos quaisquer bênçãos imediatas, além da satisfação de fazer o que é certo. Contudo, no ano seguinte, as plantações de morango de nossa região foram atacadas por terrível praga, destruindo literalmente todas as plantas — menos as nossas. Nossa plantação continuou sadia e produziu uma ótima sa-

fra de grandes e suculentos morangos. As pessoas vinham de longe para comprar nossos morangos. Achando que tínhamos plantas mais resistentes, nossos fregueses queriam comprar mudas nossas para suas hortas. Quando lhes dissemos que eram exatamente iguais às deles, acharam que devíamos ter aplicado algum tratamento especial, mostrando-se céticos, quando lhes asseguramos que não. Contamos que havíamos pago o dízimo sobre os proventos do ano anterior, mas como havia poucos santos dos últimos dias naquela região, eles nos olhavam duvidosos ao falarmos de dízimo.

As bênçãos nem sempre são tão patentes. Talvez os santos dos últimos dias tenham sucesso contínuo em seus negócios ou empregos e boa saúde, e assim tendam a aceitar essas bênçãos como coisa normal. Mas, numa época em que a economia andava mal, a bênção de uma safra excepcional foi para nós uma prova irrefutável das bênçãos advindas do pagamento do dízimo.

Hugh W. Pinnock

Sucesso no Casamento



Meus comentários destinam-se aos que querem dedicar boa parte de sua vida terrena ao sucesso no casamento.

Anos atrás, estando na Flórida, conversei com Frank Shorter, corredor de maratona de renome internacional. Foi o vencedor nas Olimpíadas de 1972, chegou em segundo lugar nas de 1976, além de vencer muitas outras corridas de fundo. Conversando sobre seu programa de treinamento, descobri que ele vinha dedicando grande parte da vida ao seu sucesso nos esportes. Ele sabe exatamente o que deve comer, quantos quilômetros correr por dia para manter-se em forma (a propósito, uns 32 km), e qual a disposição de espírito necessária para vencer, além de outros pormenores ligados à perfeição em sua especialidade.

Pensando em Frank Shorter e outros que se sobressaíram em seu campo de trabalho, passatempo ou profissão, perguntei a mim mesmo: “Por que um maior número de maridos e esposas não dedicam o mesmo esforço para terem sucesso no casamento?”

Não conheço nada de valor na vida que se consiga com facilidade — e nada na vida é tão valioso quanto um casamento sólido e uma família segura. Estou falando a todos os que querem que seu casamento tenha sucesso, inclusive aos casados mais de uma vez. Minhas palavras não se destinam aos que procuram soluções fáceis, ou a alguém que se

satisfaça em tolerar uma situação aflitiva.

A maioria dos casamentos sólidos enfrentaram duras provas. Os cônjuges que suportam e superam sofrimento, dor, mal-entendidos e tentações podem gozar de um casamento belo e eterno. Mas não quero remontar ao passado — vamos olhar o presente e o futuro.

Infelizmente, grande parte dos livros a respeito de como melhorar o casamento não são de grande utilidade para os santos dos últimos dias. Nosso casamento e família estão alicerçados em conceitos e princípios celestiais, não sobre conceitos ou soluções mundanos. Gostaria de sugerir-vos algumas idéias que contribuíram para melhorar muitos casamentos, independentemente do tempo de duração do matrimônio. Muitas pessoas que tenho entrevistado compartilham comigo seu regozijo que, na verdade, muitos de nós conhecemos: o casamento vai melhorando de ano para ano. O verdadeiro amor muitas vezes só surge *depois* do passar do tempo, das dores, alegrias, sofrimento e depois de, juntos, suportarem muitas provações.



A *primeira* idéia que sugiro é fundamental — temos que trazer o Sal-

vador e seus ensinamentos para dentro de nosso lar e coração. O autêntico sucesso exige um casamento eterno centralizado em Cristo. Embora dirigido aos portadores do sacerdócio, os princípios expostos em Doutrina e Convênios 121 aplicam-se igualmente a marido e mulher:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

“Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

“Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade... para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.” (D&C 121:41-42,45.)

Assim como um edifício precisa de alicerces fortes para resistir, a família necessita do fundamento seguro do Salvador e seus ensinamentos. Somos um povo espiritual; acreditamos na solução de problemas com auxílio do Espírito. Obviamente orar juntos, com frequência — pelo menos uma vez ou, melhor, duas vezes ao dia — contribuirá em muito para seu sucesso.



Segundo: Não penseis que divergências no casamento indicam que não pode ser um sucesso. A comunicação autêntica exige que sejamos sensíveis e honestos ao discordar. Precisamos externar nossas mágoas com muito tato e demonstrar o que sentimos. Podemos fazer isto sem nos zangar ou falar impensadamente. As pessoas que guardam e recalcam suas mágoas, sem nunca externá-las, são candidatas a diversos males. Além disso, esse método não resolve problemas.

Sede sempre francos e sinceros um com o outro. Muitas vezes reagimos a uma tensão conjugal com “silêncio” ou uma “caminhada”. Uma jovem esposa pediu-me, certa vez, que conversasse com seu marido e pedisse a ele que se comunicasse, dialogasse com ela. “Sempre que discordamos, ele se cala”, queixou-se, “e vai dar um passeio. Quando se acalma, volta para casa, mas continua como gelo até que faço as pazes com ele. Ele consegue ficar dias seguidos, ou mesmo uma semana ou duas, sem dizer uma palavra.”

Discordâncias entre os cônjuges significam meramente que são hu-

manos e ainda não são pessoas perfeitas. Se reconhecerem suas diferenças de maneira adulta, conseguirão encontrar uma solução sem prejudicar seu relacionamento. Reconhecerão que seu casamento está em ordem, que simplesmente, naquele caso, deixaram de dialogar.

Quando servia como bispo, anos atrás, fiquei alarmado com o grande número de jovens que me procuravam, assustados e confusos, achando que seus pais não se amavam e estavam a caminho do divórcio por causa de divergências familiares. Conhecendo bem os pais e sabendo que se amavam, eu explicava aos filhos que, embora fosse desagradável, às vezes era parte do casamento e não significava uma iminente desintegração da família.

3

Terceiro: Jamais caçoeis do cônjuge, seja em particular ou em público. Quem o faz talvez o considere humor bem intencionado. Mas não é. É perigoso para o casamento. A pessoa ridicularizada sente-se magoada. Caçoar de alguma coisa que marido ou mulher fez em casa revela falta de sensibilidade ou então malícia e raiva oculta decorrentes de frustrações ou mágoas. Os casais que se respeitam não recorrem a tal recurso degradante.

4

Quarto: Não impõe restrições excessivas ao outro. Uma amorosa esposa de muitos anos contou-me um dos segredos de seu casamento exemplar: “É meu dever manter no lar uma atmosfera agradável na qual meu marido possa atingir seu pleno potencial. E, como sabe, ele é um pai, bispo e empresário muito ocupado. Ele, em troca, me ajuda a alcançar meu potencial.”

Com o incentivo dela, ele era um bispo extraordinário. Ela, mais tarde, serviu como conselheira em duas presidências de auxiliar, e a seguir como presidente da Sociedade de Socorro da Estaca. Possuía um cômodo próprio para costurar, pintar e escrever maravilhosas poesias. Ele gostava de pescar, pintar um pouco e desenvolver-se em coisas que o interessavam. Nenhum dos dois se via reprimido por um cônjuge egoísta. Ambos respeitavam as necessidades e metas do outro.

Os casamentos mais satisfatórios parecem ser aqueles em que marido e mulher confiam seu afeto ao Salvador. Eles se interessam um pelo outro, mas ainda assim se permitem liberdade para crescer e amadurecer, enfrentar novos desafios e buscar novos interesses. Logicamente, essa liberdade *não* inclui a de namorar outra pessoa. O ciúme é uma forma sutil de servidão e uma

das mais asfixiantes paixões humanas.

Maridos e mulheres que temem perder o afeto de seu cônjuge prejudicam seu relacionamento com um apego excessivo. O marido que não quer perder de vista sua mulher na verdade pode afastá-la com esse temor. Os cônjuges devem permitir-se liberdade mútua para crescer e encontrar expressão pessoal. Quando ambos podem desenvolver livremente seus talentos e interesses, é mais difícil o casamento tornar-se monótono e insípido.



Quinto: Elogiai-vos sincera e frequentemente. Certa esposa de meia-idade disse-me: “Alguém precisa manter meu marido humilde, se não acaba sentindo-se maior do que é.” Que triste atitude! Todo marido precisa de uma esposa que o incentive e o faça sentir-se importante. Toda mulher precisa de um marido que a honre e respeite. Incentivar o outro com elogios sinceros jamais é um sinal de fraqueza; é *o que se deve fazer*. Qualquer pessoa capaz de ajoelhar-se ante um altar sagrado com seu eleito e ali trocar votos sagrados para a eternidade sem dúvida consegue ver nele suficientes boas qualidades para poder ressaltá-las em conversa com outros.

Quantas vezes, quando me procura em busca de conselhos, um divorciado ou divorciada comenta: “Estamos separados há três anos. Como eu gostaria de que ele voltasse. A solidão é insuportável. Deixei de dizer-lhe tantas coisas”, ou “Se ao menos eu lhe tivesse dito como era boa em tantos sentidos. Como fui tolo. Jamais conseguia fazer-lhe um elogio, sempre só apontava seus erros. Quando vejo certos casais se tratarem com tanta frieza e indiferença, sinto vontade de gritar-lhes que acordem antes que seja tarde demais. Gostaria de mandá-los parar com seus sarcasmos e incentivarem-se um ao outro.”

Marido e mulher tendem a tornar-se as pessoas descritas nos elogios de seus cônjuges. Eles farão o possível para mostrar-se à altura do elogio e incentivos de uma orgulhosa esposa ou marido.

Anos atrás, um amigo nosso que não se casara na idade costumeira, escolheu uma moça para esposa. Sua escolha surpreendeu-nos, pois não a considerávamos à altura dele em discernimento, sabedoria e traquejo social — a ponto de nos parecer quase uma união desaconselhável. Então observamos que, durante seus compromissos sociais, reuniões na Igreja e outros lugares, ele bondosamente conversava com ela sobre tudo o que estava acontecendo. Levou para casa livros da escola e os lia com ela. De muitas outras maneiras ajudou-a a tornar-se uma pessoa mais madura e cativante e,

ao mesmo tempo, ele próprio crescia. Esse casal está agora cumprindo missão num país distante, vivendo plenamente por causa do seu desejo de ser prestativo e sensível, e devido ao profundo amor recíproco.



Sexto: Nunca deixeis de falar um com o outro. Aprendi que é errado a gente dizer ao cônjuge: “Deixe-me só. Estou passando momentos difíceis. Preciso resolver meus próprios problemas. Simplesmente quero ficar sozinho.” Isto é não só injusto e insultante, como estúpido. O casamento não é compartilhar e ajudar-se mutuamente a vencer crises? Todos nós já ouvimos estas desculpas: “Estou passando por uma mudança...”, “Não me estou sentindo bem”, “As coisas andam difíceis no escritório”, “As crianças me deixaram louca o dia inteiro.” Nenhuma delas, porém, dá-nos o direito moral de repelir alguém que nos ama.

Mantende a porta do coração aberta. *Geralmente, quando excluímos os outros, é quando mais precisamos deles.* Obviamente, todos precisam às vezes de um pouco de privacidade, tempo para refletir, meditar e orar. Isto devemos compreender e respeitar nos outros. To-

davia, jamais devemos mostrar falta de consideração ou apreço para com um marido ou mulher que procura ajudar-nos. Isto se aplica particularmente quando existem problemas.



Sétimo: Dizei “Sinto muito” e com sinceridade. Quantas vezes cometemos erros, mesmo erros inocentes que magoam e exigem um pedido de desculpas. Além de aprender a dizer “Desculpe-me”, marido e mulher precisam aprender a perdoar. Jesus ensina que o perdão do Pai Celeste depende, em parte, de nossa capacidade de perdoar aos que nos ofendem. (Ver Marcos 11:25, 26.) Alguns dos casamentos mais sólidos que tenho observado são entre pessoas que sabem dizer “Sinto muito” e que se perdoam reciprocamente.

Um casal que conheço casou-se bem tarde na vida. A esposa estivera casada antes, mas para o marido era o primeiro casamento. Passados vários meses de felicidade conjugal, deu-se uma divergência tão grave, que feriu o marido emocionalmente, a ponto de não mais conseguir trabalhar. Ao amainar o impacto do confronto, ele parou para analisar o problema e reconheceu que, pelo menos, parte da culpa era sua. Foi procurar a esposa e murmurou,

meio sem jeito, diversas vezes: “Sinto muito, querida.” A esposa desandou a chorar, confessando que grande parte da culpa era dela, e pediu perdão. Ainda abraçados, ela confessou-lhe que não conhecia aquelas palavras de desculpa no casamento anterior e que agora sabia que quaisquer problemas futuros poderiam ser resolvidos. Sentia-se segura, sabendo que ambos eram capazes de dizer: “Sinto muito”, “Eu te perdô”.

Além de desculpar-se e com sinceridade, marido e mulher não devem desenterrar divergências e erros passados. Milhares de casamentos têm sobrevivido a problemas mais críticos e se tornado um sucesso, tão somente porque a tristeza segundo Deus (remorso) foi seguida de perdão como o de Cristo.



Oitavo: Nunca recorrais a uma terceira pessoa nas horas difíceis, exceto parentes indicados, seu bispo ou presidente da estaca. Estas pessoas, de maneira compreensiva e inspirada, vão encaminhá-los a um conselheiro competente, se necessário. Sempre surge alguém disposto a consolar uma esposa ou marido magoado. E quando os cônjuges não encontram com quem conver-

sar e desabafar em casa, infelizmente muitos acabam procurando um ombro amigo em outra parte.

E é assim que começam muitos casos de adultério. Pode acontecer na vizinhança, no coro da ala, no escritório ou onde quer que seja. Os “casos” acontecem muito inocentemente — apenas conversando sobre mágoas mútuas. Mas então vem um período de dependência que muitas vezes acaba em transferência de lealdade e afeto, seguido de adultério.

Jamais confieis vossos problemas maritais a terceiros, exceto, conforme já disse, a familiares, ao bispo ou presidente da estaca; não, nem mesmo à mais íntima pessoa amiga de vosso próprio sexo. Ela pode ser a primeira a divulgar vossos problemas. Confiai no Salvador, recorrei ao bispo ou presidente da estaca. Este sistema, dado pelo Senhor, é simples, mas funciona.



Nono: Não deixeis esmorecer a alegria no casamento. Deus tenciona que tenhamos alegria na vida. (Ver 1 Néfi 8:10; 2 Néfi 2:25.) Quase todos os casamentos começam com alegria; os que a conservam têm sucesso. Quando a felicidade se perde no casamento, ele se torna

fraco e vulnerável. Encontrai um lar feliz e certamente encontrareis um casal alegre à sua testa. Marido e mulher que não mais riem e brincam juntos estão perdendo seu amor recíproco e a capacidade de conviverem. O verdadeiro amor inclui uma qualidade prazerosa, quase infantil. Em outras palavras, divertí-vos.



Décimo: Orai com freqüência. Adão e Eva, durante um período de insegurança, pioraram sua breve rebelião, ocultando-se da presença de Deus. Deus não se oculta: somente o homem. Deus estava muitíssimo interessado naquele primeiro casamento, exatamente como em todos os casamentos de hoje. Idealmente, marido, mulher e filhos se ajoelham juntos em oração. Mas, sendo isto impossível, vós, marido e mulher, não deixeis de orar em favor de um casamento sólido e pela felicidade que mereceis.

Suspeito que nossas fraquezas e as dificuldades enfrentadas na vida afetam a tal ponto o casamento, que impossibilitam na verdade um casamento sólido sem a ajuda de Deus. O Salvador pode ajudar a curar casamentos e a mantê-los saudáveis.

O futuro depende do presente;

assim sendo, precisamos viver bem hoje. A vida passa logo. Não nos iludamos na esperança de que algum dia seremos felizes e contentes, depois de pagas todas as contas, estarem os filhos crescidos ou nós aposentados. *Agora* é a hora de gozarmos as boas coisas da vida — e as boas sempre ultrapassam as más. Reconheçamos as boas coisas agora e proporcionemos alegria um ao outro.

Vamos Conversar a Respeito

Depois de lerdes “Sucesso no Casamento”, talvez vós queirais debater estes pontos num “encontro” conjugal:

1. Visto ser importante a atitude mental para o sucesso de qualquer empreendimento, que atitudes são necessárias para garantir um casamento feliz?

2. Que atitudes fazem o Espírito magoar-se e afastar-se de vosso lar?

3. Como os problemas parecem assumir uma importância exagerada, quando suportados em silêncio, que qualidades nos ajudam a falar sobre eles?

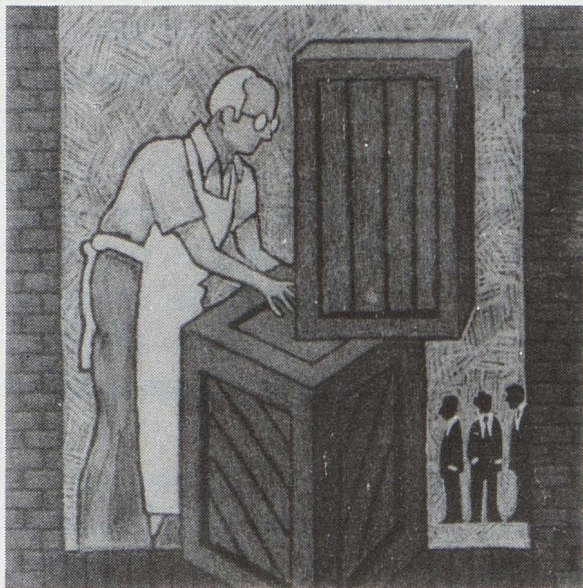
4. Se achais difícil admitir um erro, como podereis vencer essa relutância?

5. Além da expressão verbal, que outros meios existem para se demonstrar amor e apreço no casamento?

6. Das dez idéias apresentadas para se ter um casamento feliz, quais delas achais mais aplicáveis ao vosso casamento?

Os Seis Melhores Discursos Que Já Ouvi

Thomas W. Ladanye



Ilustrado por Tom Pratt

Alguma vez, sentado numa reunião da Igreja, já chegou a duvidar se agüentaria até o fim? Não até o fim da vida, mas até o fim da reunião? Alguma vez já foi vítima de um discurso confuso, meio “mastigado” numa enfiada de frases monótonas, sem vida? Já ficou imaginando o que o orador estava querendo dizer?

Encarado do ponto de vista oposto, já teve, como orador, a terrível experiência de enfrentar uma audiência despreparada? E de observar, impotente, a congregação “fugir-lhe”, caindo na desatenção e modorra? Alguma vez sua dramática frase de encerramento (a única parte que *realmente* preparou) foi saudada com rancos da audiência?

Muitos de nós, acostumados a lecionar, dirigir e falar, somos qualificados, experientes e nos saímos admiravelmente. Entretanto, existem outros menos dotados e experientes. Como converso à Igreja, ainda me lembro muito bem do medo e tremedeira que senti, quando *me* anunciaram como orador da reunião sacramental da semana seguinte. Essa e outras experiências ensinaram-me a importância de aprendermos e aplicarmos princípios corretos em nossas designações para falar.

Existem vários princípios básicos — bastante conhecidos, mas nem sempre aplicados — que podem e devem ser usados,

quando falamos em público. Entre eles: (1) escolher um assunto apropriado, (2) familiarizar-se com o assunto escolhido, (3) ser sincero, (4) respeitar o tempo concedido, (5) ater-se a um só assunto, (6) falar alto e claro, (7) mostrar entusiasmo, (8) usar histórias e exemplos apropriados, (9) utilizar auxílios visuais e humor, quando apropriado, (10) preparar-se espiritualmente.

Como membro da Igreja, como estudante e professor de oratória, tenho ouvido muitos excelentes discursos no decorrer dos anos. Os exemplos a seguir representam discursos feitos pelas pessoas mais diversas, tanto eruditas como incultas, e ilustram alguns dos princípios corretos acima mencionados. Mas talvez esses discursos tenham um denominador comum que é o mais importante — foram eficazes.

1. Um, que ouvi há mais de vinte anos, ilustra a eficácia de um discurso, quando o orador escolhe um assunto apropriado e está bem familiarizado com ele.

Enquanto morava em Nova Jersey, eu tinha uma loja de armários para cozinha; e como vinha construindo e instalando armários de cozinha havia muitos anos, conhecia bem o ramo e tinha orgulho de nosso produto. Quando fui procurado por um grande fabricante do ramo da Pensilvânia, que desejava que vendêssemos seu produto, res-

pondi que tomaria uma decisão depois de visitar a fábrica deles.

Visitando a fábrica com outros vendedores potenciais, ouvi um homem falar sobre sua responsabilidade pelos caixotes de embalagem em que tais armários eram despachados. Seu vocabulário não era muito extenso, tampouco expôs algum assunto profundo. Mas ele conhecia o seu assunto; estava a altura de sua capacidade lingüística e, sem dúvida, era próprio para a ocasião. Foi um discurso muito esclarecedor e interessante.

Terminado o discurso, ele pegou um armário diretamente da linha de fabricação e o encaixotou. A seguir, pegou esse armário e um outro encaixotado por um concorrente, e deixou cair ambos de uma janela do segundo andar. O armário embalado por nosso homem sobreviveu praticamente ileso, enquanto o outro não servia para mais nada. Palavras e demonstração combinadas causaram uma impressão inesquecível — e me convenceram da qualidade do produto. Um excelente exemplo de motivação por palavras e auxílio visual!

2. Se tivesse de escolher *um* princípio sumamente essencial para uma comunicação efetiva, seria a sinceridade. Você realmente acredita no que diz? Está realmente convencido desse princípio, em particular? Os ouvintes são altamente perceptivos

na “interpretação” do que ouvem, e se você tentar convencê-los de uma coisa de que não tem convicção pessoal, não conseguirá nada.

Lembro-me de dois exemplos disso. Pouco depois de filiar-me à Igreja, em Nova Jersey, minha família e eu mudamo-nos para Vermont. Alguns membros de lá não eram muito instruídos, nem pretendiam ser nada além de servidores simples, fortes e fiéis do reino. Lembro-me de um deles chamado para falar numa conferência de distrito. Natural de Vermont, estava com uns sessenta e poucos anos e, obviamente, não tinha experiência de falar em público — porém jamais me esquecerei de suas palavras.

Começou dizendo que havia encontrado dificuldade em viver um importante mandamento do Senhor: “Amarás o teu próximo.” Evidentemente, seu chefe o vinha tratando bastante mal, parecendo deleitar-se em dar-lhe os piores trabalhos na fábrica, e se recusava em considerá-lo para uma promoção.

Em seu desespero, ele buscara o Senhor em oração, pedindo-lhe ajuda naquela situação insuportável. Contou que, prosseguindo na oração, seu ressentimento para com o chefe foi amainando e chegou mesmo a *gostar* dele!

Finalmente, depois de várias semanas de orações constantes,

esse irmão, de pé no púlpito, ereto e firme, disse com os olhos marejados de lágrimas: “Sabem de uma coisa, irmãos? Eu comecei a amar de verdade esse homem.” E, a partir daí, o relacionamento entre os dois melhorou, como também sua vida dentro e fora da fábrica. Uma mensagem simples, sincera, poderosa, saída diretamente do coração.

3. Um exemplo semelhante, também em Vermont, foi dado por um recém-converso, cujo passatempo era restaurar carros antigos.

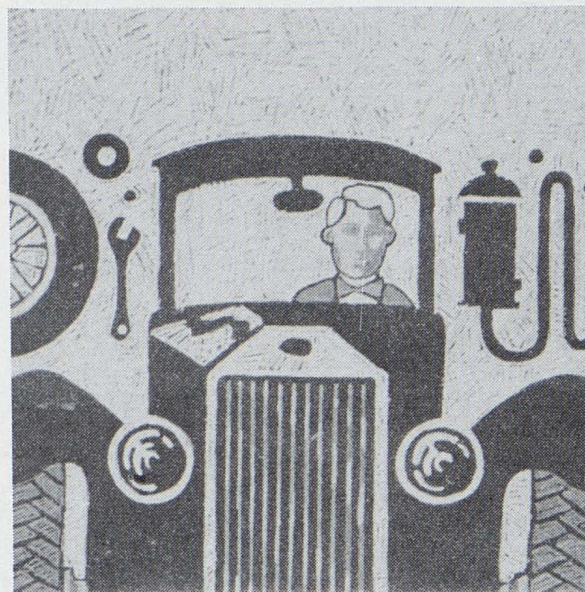
Em seu discurso, ele fez uma analogia entre seu passatempo e nossa responsabilidade comum de colaborar na reativação dos membros afastados da Igreja. O fator de ligação entre tudo isso era sua sinceridade — o patente carinho que tinha pelos carros antigos e seu amor e preocupação ainda maiores para com seus irmãos no evangelho.

Além da sinceridade, esses dois irmãos observaram três outros princípios vitais que colaboraram para o resultado positivo. Primeiro, nenhum deles procurou apresentar qualquer *desculpa* no começo do discurso, embora nenhum dos dois falasse com desembaraço profissional. Assumiram toda responsabilidade pelo tema escolhido e falaram com autoconfiança. Uma des-

culpa ou justificativa no início do discurso indica que não se está preparado ou que há constrangimento. Com isto, raramente se consegue obter confiança alheia ou simpatia; pelo contrário, estabelece-se o cenário para um desempenho medíocre. *Jamais* se desculpe pelo que vai falar.

Segundo, os dois discursos foram breves e giraram em torno de *um* assunto. Como é gostoso quando o orador chega preparado, fala clara e confiantemente sobre *um* tema, chega ao ponto desejado e termina. Um discurso breve e conciso, em torno de um só assunto pode ser realmente memorável.

E terceiro, os dois oradores falaram de maneira tal, que todos conseguiram ouvi-los. Esta talvez seja a pior agonia a que muitas audiências são submetidas — não conseguir ouvir ou entender o que o orador está falando. O fato de ter um microfone em sua frente pode não servir de nada, se você não falar diretamente voltado para ele, ou falar muito baixo ou ficar dançando de lá para cá. Muita gente começa falando normalmente e depois, pouco a pouco, fala cada vez mais baixo e depressa. Lembre-se, se as pessoas *não* conseguirem ouvi-lo, todo seu esforço de preparar o discurso terá sido em vão. Um pouco de atenção para com a mecânica da



boa dicção e emissão vocal pode representar toda a diferença do mundo.

4. Outro discurso excelente proferido por um sumo conselheiro da estaca em nossa ala, em Oregon, combinou todos os princípios abordados até agora — sinceridade, assunto apropriado, confiança, preparação, boa dicção e respeito ao tempo concedido — além de um ingrediente extra, cuja falta é capaz de destruir um discurso bom em outros aspectos. Este ingrediente chama-se entusiasmo!

Esse irmão irradiava entusiasmo ao contar uma experiência inesquecível, conseguindo transmití-lo à congregação. Sua história era a respeito da reação de dois pais fazendo um piquenique com os filhos, à beira de um caudaloso rio. Um deles gritou alarmado, quando seu garotinho se aproximou da margem. O meni-



no levou umas palmadas e foi afastado dali à força. O outro ficou a vigiar o filho cuidadosamente e depois, ajoelhado ao lado dele, demonstrou-lhe o perigo daquela forte correnteza. Juntos, pai e filho lançavam gravetos na água e ficavam observando-os serem arrastados pelas águas. Saciada a curiosidade infantil, o menino acompanhou o pai docilmente até um local mais seguro.

O orador perguntou-nos então qual dos dois meninos recebera uma lição duradoura de um pai sábio.

A história ensinou-nos uma boa lição e também aprendemos algo pela maneira como foi apresentada.

Que alívio ver alguém dirigir-se confiantemente ao púlpito e iniciar seu discurso com entusiasmo, sinceridade e emoção.

Um princípio importante adotado por quase todos os bons

oradores é transmitir uma mensagem importante contando uma história. O melhor discurso é aquele que gira em torno de uma experiência pessoal ou de terceiros que pode ser adaptada a determinada audiência com uma moral positiva. Assim que o orador diz: “Gostaria de contar-lhes uma história...”, aumenta o interesse dos ouvintes. E se a história for pessoal e relacionada com o assunto em pauta, a possibilidade de ser compreendido aumenta enormemente. É precisamente por isso que Jesus tecia seus comentários em torno de assuntos familiares e situações conhecidas de seus ouvintes.

5. Outro fator vital — mas que deve ser usado judiciosamente, é lógico — é o humor. Tenho visto muitas audiências e classes “despertarem” com uma pitada de humor. Para atrair a atenção e ressaltar um ponto, ou fazer as pessoas interessarem-se pelo que estão ouvindo, nada melhor que um pouco de humor relacionado com o tema do discurso. A vida já é tão séria, que, se não fizermos ocasionalmente uma pausa para rir de algumas situações em que nos encontramos, talvez não a suportemos. Uma ressalva importante: a anedota deve ser apropriada. É importante evitar qualquer coisa capaz de prejudicar o espírito de uma reunião.

6. Ao ponderar nossas responsabilidades em nos tornarmos melhores e mais eficazes comunicadores na Igreja, por meio dos discursos que somos chamados a proferir, existe um ponto que, sinto, às vezes negligenciamos bastante — nossa preparação espiritual. Isto se aplica a qualquer tipo de discurso que fazemos, mas torna-se um problema particularmente grave, quando vamos prestar testemunho. Para muitos de nós, talvez o mais importante “discurso” que faremos será na forma de testemunho. Pois é justamente nessa ocasião que o Espírito transmite ao ouvinte aquele testemunho do qual precisamos constantemente — o testemunho que confirma a santidade e divindade da obra em que participamos.

Ao nos dirigirmos para as reuniões de jejum e testemunho no início de cada mês, devemos fazê-lo com espírito de jejum, oração, meditação e, espera-se, um renovado compromisso para com nossos sagrados convênios e obrigações perante o Senhor. O domingo de jejum deveria ser o mais espiritual de todos os dias santificados, pois chegamos às reuniões com nossos desejos temporais moderados pelo jejum e nossos sentidos espirituais altamente receptivos. Isto exige que o que falarmos durante a reunião de testemunho esteja em harmonia com o Espírito, e que não tomemos muito tempo con-

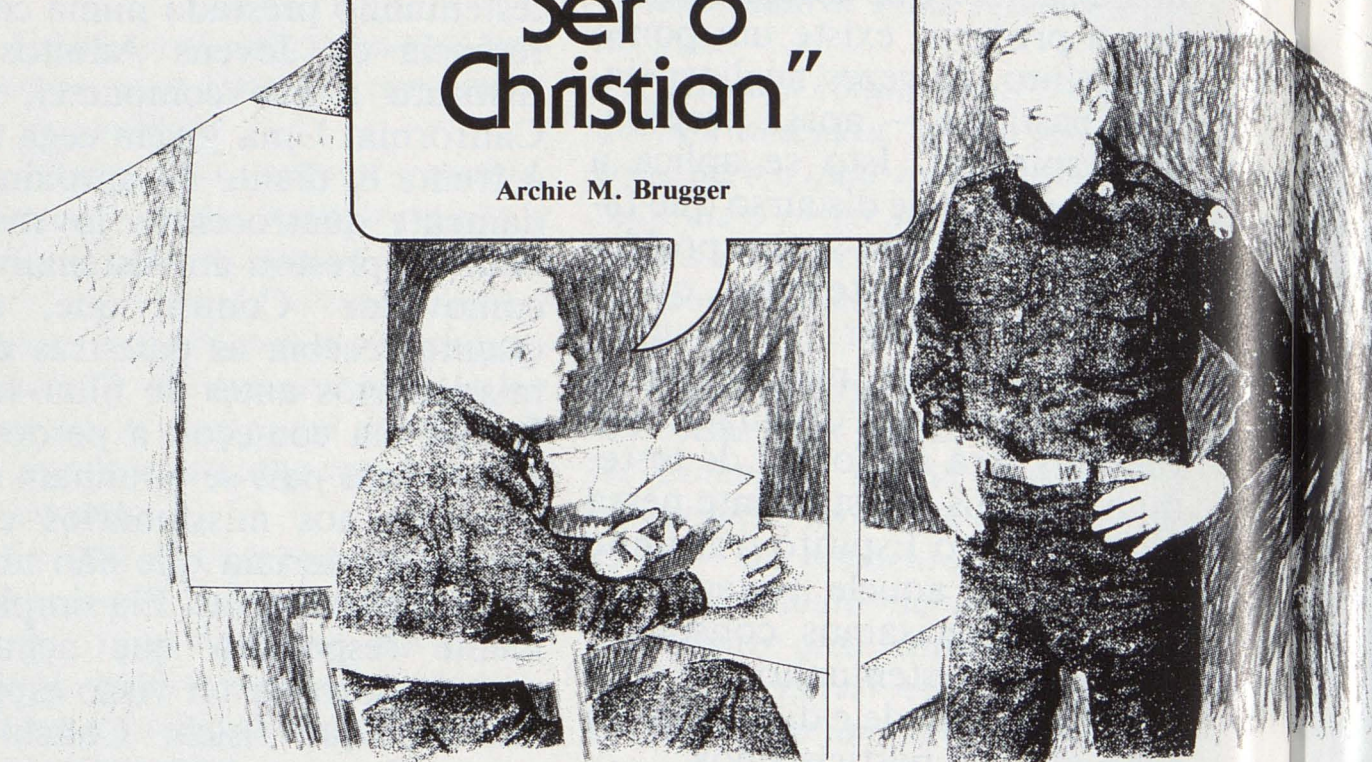
tando histórias e casos não condizentes com o intento e propósito dessa reunião.

Lembro-me muito bem de um testemunho prestado numa conferência de Jovens Adultos e Instituto a que compareci, na Califórnia. Uma jovem cega foi à frente e, diante de aproximadamente quatrocentos jovens e adultos, prestou um testemunho comovedor. Contou que, enquanto recebia as palestras dos missionários antes de filiar-se à Igreja, ela começou a perder a visão. Seus pais se opunham seriamente aos missionários e à Igreja, e queriam que não mais ouvisse as palestras. Ela simplesmente respondeu que achava mais importante ter visão espiritual do que física. Concluiu, prestando seu testemunho — um testemunho que, tenho certeza, muitos ali presentes jamais esquecerão.

Não é necessário sermos oradores experientes; basta simplesmente pôr em prática esses passos básicos e buscar a orientação do Senhor para sermos melhores oradores e conseguirmos comunicar positivamente nossos pensamentos. Conforme dizia Alma: “Poderás, talvez, supor que tudo isso seja tolice de minha parte; mas eis que te digo que é por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão; e os pequenos meios muitas vezes confundem os sábios.” (Alma 37:6.)

"Por Ser o Christian"

Archie M. Brugger



O médico da base militar perto de Taejon, Coréia, olhou-me e sorriu. Eu acabara de congratular-me com ele e seus colegas pelo brilhante desempenho num caso de intoxicação por monóxido de carbono. Como Chefe de Serviços Profissionais dos Cirurgiões do Exército Americano e Forças das Nações Unidas, ficara tão impressionado com a conduta desse jovem médico, que viera verificar pessoalmente o caso com ele.

Ficamos conversando em sua barraca sobre a incidência desse tipo de intoxicação entre os soldados. As casas coreanas são aquecidas com um tipo de carvão betuminoso chamado *yantan*, que, prensado em forma de tijolo, é queimado numa

estufa debaixo do piso, num canto da casa. A fumaça e gases passam por baixo do piso de alvenaria e ladrilhos até a chaminé no lado oposto do prédio, aquecendo, assim, a construção e seus ocupantes. Em caso de vazamento, a casa é invadida por monóxido de carbono.

Quase sempre os soldados iam a uma aldeia próxima para beber e acabavam adormecendo perto de uma dessas estufas. Ocasionalmente, sofriam intoxicação por monóxido de carbono, sendo devolvidos à base inconscientes. Nesses casos, era de praxe medir-se a dosagem alcoólica.

Perguntei ao médico qual fora o índice alcoólico no sangue daquele soldado. Sua resposta foi tanto sur-

réia, falava a língua nativa e, durante suas folgas, costumava ir à vila para conversar com o povo. Ele conseguira mesmo converter algumas pessoas a sua igreja. Elas viviam num pequeno povoado perto da base, mas haviam ido com Christian assistir a serviços religiosos em Taejon.

Voltando com eles no domingo à noite, fora convidado a pernoitar no povoado. E como era hóspede de honra, recebera o lugar mais perto do *yantan*. Como a noite estava fria, fecharam todas as janelas e portas, sem perceberem uma rachadura no piso. Durante o sono, o soldado americano acabara intoxicado pelos gases.

Com grande orgulho, disse ao meu colega médico que eu também era mórmon. Admirava-me de que conhecesse tão bem aquele jovem soldado. Respondeu que não tinha muita intimidade com os soldados, mas que Christian levava uma vida tão diferente, que o distinguia de todo o resto da tropa.

Nunca tive oportunidade de conhecer o Irmão Christian, e apenas posso imaginar o grande bem que fez num ambiente que, em geral, suscita os instintos mais baixos do homem. Porém, jamais me esquecerei da impressão que causou ao médico que o tratou e o exemplo que me deu. Ele tomara decisões certas a respeito de muitas coisas antes de ser lançado na tumultuosa vida militar, e não permitira que o meio-ambiente afetasse seu poder de fazer o bem. Os outros soldados sabiam muito bem que ele não fazia concessões. Estou certo de que muitos deles guardam consigo o exemplo, exatamente como eu, e sou grato por ele ter deixado sua luz brilhar.



Ilustrado por Robert Barrett

preendente como satisfatória.

— Eu não fiz o teste de dosagem alcoólica no Soldado Christian, — explicou. — Ele é mórmon.

Fiz-me de desentendido.

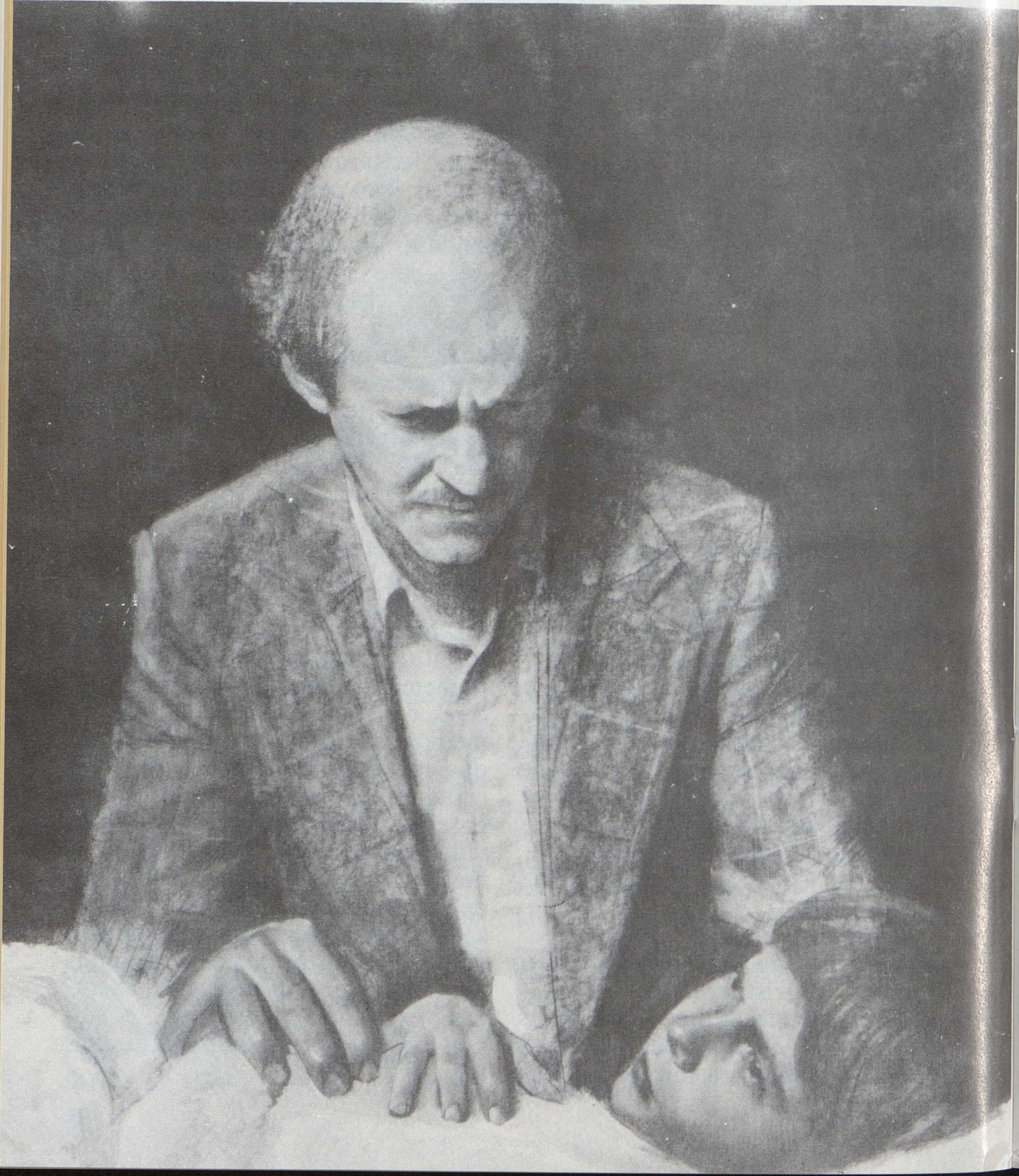
— E o que isso tem a ver com o caso? — indaguei. — Esse camarada esteve na cidade onde o encontraram inconsciente. Como sabe que seu estado não foi provocado por intoxicação alcoólica?

Ao que o médico replicou: — Por ser o Christian. Ele nunca faz coisas assim.

E a seguir, explicou que praticamente todos na base sabiam que o Soldado Christian era um ex-missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que cumprira missão na Co-

...ta, talvez a língua nativa e du-
...tante das folgas, costumava ir a vi-
...la para conversar com o povo. Ele
...consequente mesmo converter algu-
...mas pessoas a sua fé. Ele vi-
...sua vida em um povoado perto
...o con-
...sigo-

AMADO JOHNNY



Meu filho, ali na cama, estava ficando lívido — murchando diante de meus olhos. Morrendo!

Eram cerca de quatro horas de uma tarde cinzenta, em fevereiro de 1977. Eu estava no meu gabinete na universidade, preparando umas aulas para aquela noite, quando o telefone tocou.

— Pai? — ouviu-se uma voz. — Mãe pediu que lhe telefonasse e avisasse que está levando o John para o hospital.

— Hospital? Por que?

Era Kathryn, e sua voz soava bastante nervosa.

— Bem... sabe... eu vinha voltando para casa na perua e ele quis uma carona no pára-lama.

— Oh, não! — gemi. — Quantas vezes eu já avisei vocês de...

— Mas era só meio quarteirão, — procurou justificar-se, — e eu andei bem devagar. E ele não se machucou até eu estar parada, e eu lhe disse que não queria levá-lo desde o princípio...

— Está bem, esqueça. Conte-me apenas o que aconteceu. Es-

tá muito ferido?

— Não muito. Quer dizer, acho que não. Quando desceu pulando, perdeu o equilíbrio, caiu para trás e bateu a cabeça.

De repente, minha ansiedade aumentou.

— Diga-me, como está ele? Está mesmo ferido? Sente muita dor ou o *quê*?

— Não, — respondeu-me, — ele só está um pouco esquisito. Não consegue lembrar-se das coisas, e os dedos da mão esquerda se mexem para dentro como se quisesse coçar-se.

Instantes mais tarde, eu estava conversando por telefone com Sharon, minha esposa, no pronto-socorro do hospital.

— Ele não sente quase dor, — informou-me, — e sua memória está voltando. Eles apenas querem mantê-lo sob observação e tirar algumas radiografias para ver se não há fratura.

— Está bem, — repliquei, sentindo-me mais aliviado. — Tenho que me preparar para as

aulas de hoje à noite, mas, se ele piorar, avise-me, que vou para aí imediatamente.

A noite se instalara com um leve chuvisco de inverno, e eu já dera mais ou menos metade de minha aula de três horas, quando meu filho Tony, que fazia parte do corpo de zeladores, apareceu na porta da sala. Logo atrás dele, vi nosso bom amigo e vizinho, Dr. Evan Memmott, chefe do departamento audiovisual da escola. Ambos pareceram-me bastante sérios. Na verdade, jamais olvidarei a expressão trágica no semblante rugoso e empático de Evan. Parecia à beira das lágrimas, e naquele instante, concluí que meu filho estava morto.

Só me recordo vagamente dos minutos seguintes — estava ali no saguão, fitando seus olhos, ouvindo a urgente agonia na própria voz como se não fosse a minha.

— O que é? O que aconteceu?

Meus pensamentos oscilavam entre alívio e preocupação com a resposta. Johnny estava vivo, mas sua condição tendia a piorar — ele estava tendo convulsões.

Quando chegamos, ele estava sentado na beirada da cama, rodeado pela mãe, e pelo Dr. Grant Way, nosso pediatra, e mais duas ou três enfermeiras. Tinha o rosto abatido, de um pálido esverdeado, o cabelo em desalinho, parecendo terrivelmente frágil e vulnerável. Alguém segurava uma vasilha em forma de meia-lua debaixo do

seu queixo e nela havia sangue. Senti um aperto no estômago.

— Johnny, — falei mansamente, colocando minha mão de leve sobre seu ombro. — Você está bem?

Ele chegou a sorrir de leve, cuspinhou na vasilha, e alguém enxugou-lhe os lábios com um pano.

— Não me sinto muito bem, — conseguiu murmurar. — Acho melhor deitar.

Um bocado de coragem, pensei, particularmente para um garoto de 13 anos.

— Está bem. — Ajudei a deitá-lo. — Você gostaria de ser abençoado?

Ele fechou os olhos, respirando pela boca.

— Sim... acho que sim... só que não com muita força.

Olhei para Evan e rimos um pouco. Não, procuraríamos fazê-lo com mãos bem leves.

Mais tarde, conversando com o Dr. Way no saguão, soube que Johnny caíra batendo a parte posterior da cabeça, mas tinha uma fratura bem no topo, bem no meio, e que poderia estar tendo uma hemorragia subcraniana, talvez mesmo um coágulo de sangue. Depois de lançar um olhar para a cama e seu ocupante, comentou:

— Mas agora está com aparência um pouco melhor, não é?

Concordei um pouco duvidoso, continuando a orar em silêncio, na esperança de conseguir mais alguma ajuda suplementar.

Mantiveram-no em observa-

Sua descrição da dor me assustou;
ele gemia e apertava a cabeça
entre as mãos.

ção por mais quarenta e oito horas, mas, a despeito do excelente atendimento, sua mãe ficava com ele durante o dia, e eu durante a noite. Às seis da manhã do dia em que deveria ter alta, após “melhoras constantes”, ele de repente começou a sentir forte dor.

— Estou com uma dor de cabeça terrível, — gemia. — Parece que alguém a está partindo bem pelo meio.

As enfermeiras, a princípio, vinham vê-lo a cada trinta minutos, agora de hora em hora, observando-o meticulosamente, verificando se suas pupilas estavam devidamente dilatadas, mas não esperei. Sua descrição da dor me assustou, e quando saí do quarto, deixei-o jogando-se de lá para cá, gemendo e apertando a cabeça entre as mãos. Voltei momentos depois, com permissão de dar-lhe mais um sedativo. A enfermeira viria logo em seguida.

Logo, todavia, seria tarde demais. John não reagiu, quando entrei no quarto.

— Johnny! — chamei, — Você está bem? — Debrucei-me sobre ele, tremendo, agarrando seus ombros. — John! Você me escuta?

Mas seus olhos estavam vidra-

dos, sem vida, e uma pequena bolha formava-se entre seus lábios. Estava ficando lívido — murchando diante de meus olhos. Morrendo! Absolutamente incrível... absolutamente certo. Johnny!

Disparei para a porta.

— Chamem o médico de plantão, depressa! — gritei. — Ele está em coma e piorando rapidamente!

Uma jovem enfermeira atendeu, correndo, verificou seu pulso, seus olhos, fez mais não sei o quê e saiu, chorando. Chorando! Certamente havia sido treinada para não demonstrar emoções, mas, às vezes, elas são mais fortes do que a gente.

Não tenho certeza do que aconteceu em seguida, mas o Dr. Way foi chamado imediatamente, e eu telefonei para Sharon. Ela recebeu a notícia com maravilhosa fortaleza e só fez uma pergunta:

— Há alguém com você que pode ajudar a administrá-lo?

— Eu arranjo alguém, — repliquei, pedindo que telefonasse aos parentes e amigos, pedindo-lhes que orassem pelo menino.

Nunca vi médicos chegarem tão depressa. Em dois ou três minutos, estava lá um jovem médico interno. Ed Parker —

um portador do sacerdócio — e não sei como, mesmo antes de termos tempo para terminar a bênção, o Dr. Way também tinha chegado. Não sei mais o que disse na bênção, mas sim que me comprometi profunda e incondicionalmente com o Pai de nosso espírito, se ele poupasse meu filho, o *seu* filho. Sei que, apesar de minhas falhas, tenho sido um homem melhor desde aí. Sei que, logo depois da administração, os olhos de John recobriram sua luminosidade, ele emergiu do profundo coma, falou um pouco, informando tudo o que era preciso ao neurocirurgião J. H. Hauser, que também chegara com assombrosa presteza.

Pouco depois, o Dr. Hauser explicou-nos que um grande coágulo de sangue estava pressionando o cérebro de John, e que poderia ainda estar aumentando.

— Existem duas opções, — disse. — Uma é usar medicamentos para dissolver o coágulo, mas não temos certeza de sua eficácia ou do tempo que levarão para agir. A outra é abrir o crânio e remover o coágulo.

— Por favor, faça exatamente o que faria, se fosse seu próprio filho, — pedi. Momentos mais tarde, Johnny estava a caminho da sala de operações de onde sairia quase duas horas depois.

— Faremos o melhor que pudermos, — foi a única promessa.

Nessas alturas, o grupo já era grande — sua mãe, Vovô Allred (que espontaneamente proferiu a mais simples, fervorosa e bela prece que já ouvi), vários componentes do corpo médico, seus irmãos e nossos vizinhos, o casal Memmott — verdadeiros bons samaritanos. Ficamos sentados juntos, na sala de espera, conversando baixinho. O pequeno Mike Memmott, um dos melhores amigos de Johnny, lutava contra as lágrimas. A queda, três dias antes, deixara John momentaneamente desacordado e sangrando bastante na cabeça. Curvado sobre ele, muitíssimo preocupado, Mike primeiro procurava reanimá-lo, e depois literalmente o carregou para dentro de casa.

Na meia hora seguinte, telefonamos ao nosso filho mais velho, Mark, então no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah, preparando-se para partir para Hamburgo, Alemanha. Telefonamos também ao Templo de Ogden, solicitando que o nome de John fosse incluído nas listas de oração, e soubemos que outra pessoa fizera o mesmo no Templo de Salt Lake. Pouco depois, recebemos um chamado da telefonista do CTM de Provo, avisando: — O Presidente Pinegar tomou a liberdade de colocar o nome de seu filho nas listas do templo daqui. Esperamos não ter agido mal.

Esperar que não tivessem agido mal! Lógico que não!

Havia uma tão intensa interação de sentimentos! Tal senso de espiritualidade, de integração, de *família* — não só entre os familiares imediatos, como de fato com todos os outros com quem falávamos! Amigas de nossas filhas apareceram, e vários conhecidos, passando pelo hospital, davam uma parada para nos oferecer palavras de conselho e conforto. Parecia que todos conheciam nosso filho pessoalmente e lhe queriam bem.

Todavia, a despeito de tudo isso — amor, conforto, fé, calor humano — continuava presente aquele sentimento de medo, tão difuso quanto o cheiro característico de antissépticos, aquele tipo de temor que parece apertar nossas entranhas. A certa altura, encontrei no elevador um médico amigo e expliquei-lhe resumidamente as condições de nosso filho.

— É lamentável, — comentou. — O mesmo aconteceu com o filho dos Jones na semana passada, exatamente o mesmo. Infelizmente ele não sobreviveu à cirurgia.

Aquela observação não contribuiu em nada para me animar, assim como a reação de Mark ao nosso telefonema:

— Sempre achei o John bom demais para ficar conosco por muito tempo, — dissera. Andando de lá para cá no saguão do centro cirúrgico, observava furtivamente a porta verde com o letreiro “Centro Cirúrgico —

Proibida a Entrada a Pessoas Não Autorizadas”, refletindo sobre a sina daquele outro rapazinho, aquele que não voltara de lá vivo. Eu conhecia o pai dele e sabia um pouco da dor que estavam sentindo, pois, por um momento, julgara o meu próprio filho morto. Noutro, vira literalmente a vida se esvaindo, e quem poderia realmente prever agora seu futuro? Nenhuma certeza, nenhuma previsão, só aquelas palavras finais: “Faremos o melhor que pudermos.”

Apoiado na parede de azulejos com uma das mãos, apoiei a cabeça no braço estendido, orando: “Pai Celeste, por que aquele outro filho teve de morrer? Por que toda essa dor e sofrimento para os que lhe queriam bem?” Eu sabia muito bem, é lógico, que tais perguntas são raramente respondidas. “Está certo,” insisti, “que, nessas condições, eu peça que meu filho viva?” Lembrei-me então da bênção, do compromisso de rededicar minha vida, se apenas meu filho fosse poupado. *Mas quem sou eu, pensei de repente, para propor condições ao Senhor? Eu não deveria procurar constantemente levar uma vida melhor, aconteça o que acontecer?*

Não havia ninguém mais no saguão. Cerrei os olhos e prossegui: “Pai, não tenho nenhum direito de barganhar ou propor condições. Seja feita a tua vontade em todas as coisas.” Fiz

Continuamos juntos no escuro, com o quarto iluminado apenas pelo clarão difuso vindo do estacionamento.

uma pausa, lutando por um pouquinho de sabedoria. “Por outro lado, se nos for permitido conservá-lo, posso garantir uma coisa: Será, sem dúvida, uma excelente motivação.”

A operação foi um sucesso, e lembro-me de que eu e Sharon fomos dar uma volta pelo estacionamento naquela ensolarada manhã de inverno, meu braço em torno dos ombros dela; estávamos procurando recuperar nossa calma emocional, aspirando sofregamente o ar deste mundo mortal, oferecendo graças ao Senhor. A manhã estava clara e pura, quase transparente.

Recordo-me também da noite seguinte — Johnny na unidade de tratamento intensivo, a cabeça toda envolta num turbante branco, tomando soro, gemendo ocasionalmente, levando meu coração a tremer toda vez que isso acontecia. Na tarde seguinte, em franca recuperação, ele voltou ao setor de pediatria.

Eu passava as noites no hospital, enquanto Sharon ficava durante o dia, para que eu pudesse continuar dando minhas aulas na faculdade. E o Johnny foi melhorando depressa, para as-

sombro geral — inclusive dos médicos. Periodicamente, entretanto, surgiam momentos críticos, como por exemplo, na vez em que acordei com o choro dele. Encontrei-o de pé no banheiro, confuso, sem saber bem onde estava.

— O que foi, John?

— Não sei, — lamentava-se, não sei!

Levei-o de volta para a cama.

— Sente dor? — indaguei. —

Quer que eu chame a enfermeira?

— Não, — retrucou suspirando, virando a cabeça para o lado contrário. — É só que a cabeça ainda dói, e fico pensando nos buracos e que estou careca. É só isso... bem, por um minuto pensei que estava sozinho, não vi você e fiquei assustado.

Depois de uns instantes, coloquei minha mão sobre sua testa.

— Já entendi, querido. Deixe o papai cuidar de tudo, está bem? Tudo vai dar certo, prometo, e logo você estará de volta em casa com a gente. E seu cabelo também vai crescer num piscar de olhos.

Ele agora voltara o rosto para mim e pude ver seus olhos casta-

nhos, enormes e luminosos na face pálida.

— Não como os do senhor, não é? — disse sorrindo. Eu perdera meus cabelos há anos.

— Não como os meus, — devolvi o sorriso. — Os meus terão de esperar a ressurreição. Mas *então*, Johnny, você faz idéia de como vou usá-los?

— Como?

— Estilo afro, d-e-e-e-e-ste tamanho!

— Isto eu quero ver! — Começou a rir, mas isto fazia a cabeça doer mais.

Continuamos juntos no escuro, com o quarto iluminado apenas pelo clarão difuso vindo do estacionamento. Fiquei olhando para ele, maravilhado com o número de amigos e parentes com que nos sentíamos mais achegados em virtude daquela experiência, e da porção de gente, alguns totalmente estranhos, que se preocupavam e de fato amavam nosso menino.

— Você se lembra de quando era bem pequeno, há muito, muito tempo? — perguntei meditativo. — Acho que não pode lembrar, pois só tinha um ano e meio. Foi na noite depois do nascimento de Robby, no velho Hospital Dee. Bem, nós dois estávamos sozinhos em casa, e devia ser já meia-noite ou mais. Entrei em seu quarto, para ver se estava coberto e dormindo. Com a luz vinda do corredor, pude ver que você estava acordado, com os olhos bem abertos e sorrindo para mim — justo como

agora. Então, sentei-me na velha cadeira de balanço e ficamos olhando um para o outro. Nada mais. Sozinhos, olhando um para o outro por entre as grades do berço, observando-nos mutuamente, talvez por uns quinze minutos. E sabe de uma coisa? — interrompi-me por uns instantes. — Foi uma das experiências mais maravilhosas de seu velho pai.

Ele me olhava pensativo; depois, franziu um pouco o cenho, mas era um franzir alegre.

— Não consigo *lembrar-me*, exatamente, — respondeu com lentidão — mas é... bem... como se ainda pudesse *senti-lo*.

Apalpei seu pulso e pude sentir a vida, ali pulsando, pulsando com vigor e firmeza. Sim, firme e forte; parecia que iríamos conservá-lo. Parecia que continuaria a viver, talvez para tornar-se um médico, como pretendia; talvez mesmo um cirurgião. Talvez tivesse um chamado especial a cumprir na terra, pois sempre houvera algo de especial nele, e às vezes parecia até viver como que num estado de graça.

— John, o amado, — disse baixinho.

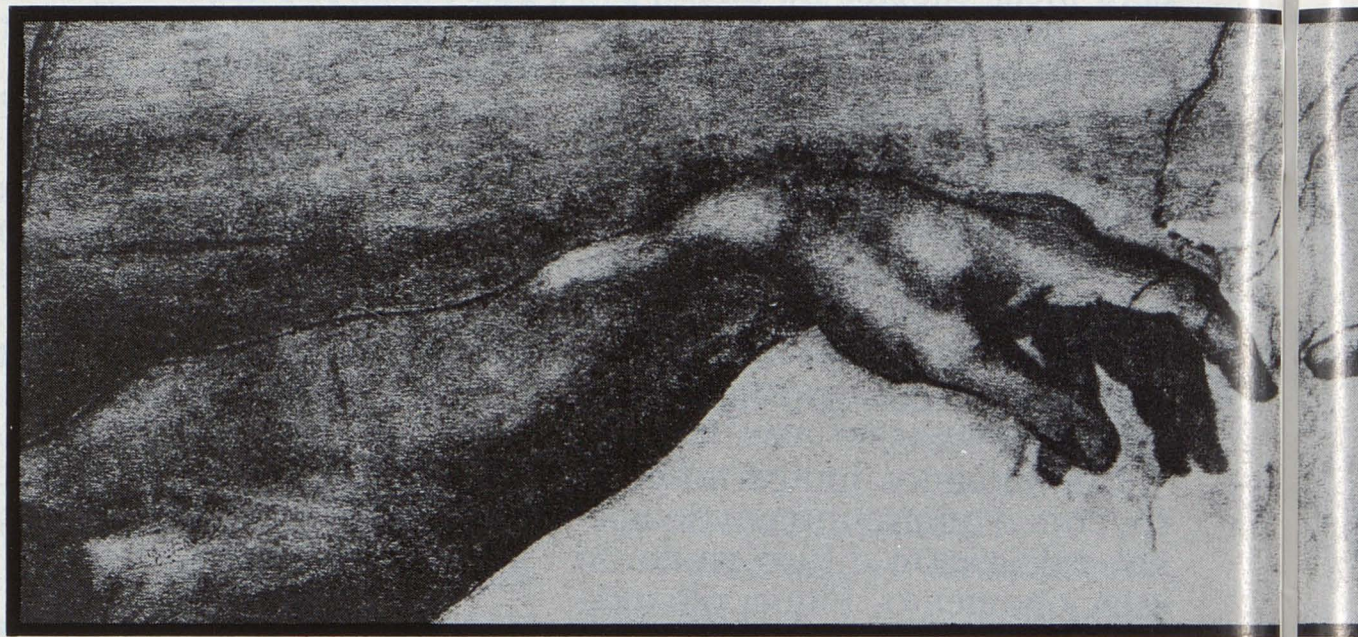
Fitou-me inquisidor, como quem não entende.

— Que foi?

— Esqueça, — repliquei. — Agora, descanse; procure dormir um pouco.

Era o nome secreto que eu lhera naquela noite distante, o nome reservado para ocasiões muito especiais.

Sou Apenas um Rapaz



Um antigo líder grego procurou reanimar seu povo, instando-o a ter fé em si, em sua cidade e cultura, não só pelo que eram então, mas pelo que poderiam tornar-se! Juventude da Igreja, isto é também uma mensagem oportuna para vocês hoje, ainda que alguns se julguem atualmente um tanto inadequados e inseguros.

Ao ser chamado, o Profeta Enoque ficou imaginando por quê e disse: “Sou apenas um rapaz, e todo o povo me odeia, porque não falo com desembaraço.” (Moisés 6:31.)

Enoque, contudo, sabia que, para Deus, o que conta não é nossa capacidade, mas nossa disponibilidade. Enoque guardou os mandamentos e confiou no Senhor com

respeito às suas possibilidades, vindo a tornar-se o edificador da maior cidade de todos os tempos. Foi a *única* vez em toda a história do homem que um povo inteiro conseguiu tornar-se justo e permanecer assim. E tudo começou com um rapaz totalmente inseguro de si.

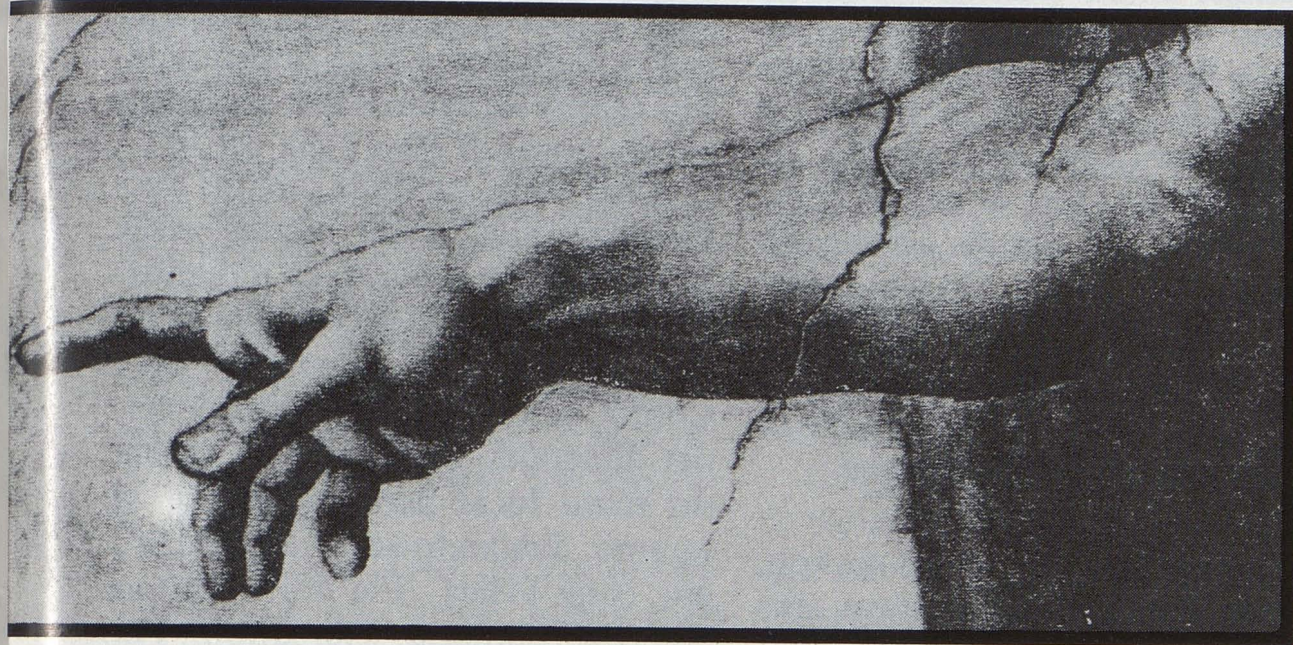
Suas possibilidades pessoais, não quanto a “status” e posição social, mas em relação ao serviço a Deus e à humanidade são imensas, se permitirem que o Senhor os conduza do que são hoje para o que poderão tornar-se.

Trechos de três histórias distintas (ainda em andamento) ilustram este ponto de vista.

Há não muitos anos atrás, numa aldeia maori, na Nova Zelândia,

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos doze apóstolos

Temos de buscar o Senhor, permitindo que seu toque divino nos conduza, do que somos, para o que podemos vir a ser.



nascia um garotinho. Logo a seguir, foi abençoado pelo avô que disse na bênção que um dia ele se tornaria um líder educacional entre seu povo. Alguns homens da aldeia riram diante de tal afirmação, pois parecia tão fantasiosa. Esse rapaz, Barney Wihongi, obteve seu doutorado e, atualmente, é presidente das faculdades da Igreja na Nova Zelândia. Ele foi chamado para esse cargo com trinta e cinco anos de idade, e está conseguindo cada vez mais influência entre os educadores de seu país. As promessas feitas ao Irmão Wihongi, quando bebê, divertiram certas pessoas. Hoje, entretanto, ele é uma inspiração para muitas pessoas!

Bênçãos inspiradas ajudam-nos a

compreender nossas possibilidades! Depois, devem seguir-se esforço e paciência.

Durante a Guerra Coreana, o moço Rhee Ho Nam foi obrigado a colaborar com uma unidade militar americana envolvida em cortes marciais. Na época, essa intrusão em sua vida habitual pareceu-lhe uma tragédia. Mesmo assim, tirou o melhor partido da situação, como fez José no Egito. Aprendeu inglês. Observava cuidadosamente o que os soldados americanos faziam, especialmente um tenente SUD que era “diferente” de seus companheiros e muito admirado por Ho Nam. Muitas vezes eles trocavam idéias. Um dia, o tenente perguntou a Ho Nam qual era o propósito da vida.

Ho Nam não soube responder, dizendo apenas que há séculos os filósofos vinham buscando em vão uma resposta. Então o oficial, tomando uma folha de papel em branco, esquematizou nela o plano de salvação. Naquele momento, o Senhor testemunhou ao coração de Rhee Ho Nam, pelo poder do Espírito, que o que aquele americano lhe dizia era verdade. Ho Nam estudou, depois filiou-se à Igreja, guardando durante muitos anos aquele papel como um precioso lembrete daquele momento tão especial.

A guerra na Coreia logo acabou, mas sua vida na Igreja estava apenas começando. Com trinta e poucos anos, Rhee Ho Nam tornou-se o primeiro presidente de estaca da Igreja no continente asiático. Atualmente, serve com distinção como presidente de missão em Pusan, Coreia — um grande líder entre seu povo. O Presidente Rhee ensina com particular convicção a seus missionários e membros, a olharem para além do hoje, para o potencial do amanhã! Às vezes, até numa aparente tragédia existe uma oportunidade!

Como fez Enoque, vocês precisam confiar no Senhor; se forem justos, seus propósitos se cumprirão. Foi exatamente o que fez José no Egito, apesar das muitas ocasiões que teve para sentir-se amargurado pelo tratamento recebido. Ele não somente superou as difi-

culdades, como favoreceu seus semelhantes, dando alimento a milhões de pessoas famintas. Embora seus irmãos tencionassem fazer-lhe mal, o Senhor usou esses maus intentos para dar a José oportunidades muito superiores aos seus mais loucos sonhos! (Ver Gên. 50:20.)

Anos atrás, na Itália, alguns missionários SUD eram muitas vezes importunados por jovens italianos. Em duas ocasiões, encontrava-se no grupo um jovem chamado Felice Lotito, que foi desafiado por um líder destemido a aparecer na capela do ramo local para julgar por si mesmo. Tratando-se de um desafio, era com Felice. Ele foi. Prestou atenção. Estudou. Acreditou. Foi batizado. Mais tarde, foi mandado para a missão na Inglaterra, onde aprofundou sua fé e aprimorou seu inglês. Cumpriu sua missão honrosamente, voltou para casa, desposou uma encantadora moça italiana no Templo da Suíça, tornou-se um dos diretores do programa de seminários e institutos na Itália, que hoje conta com aproximadamente mil alunos.

Em julho de 1980, Felice Lotito, aos trinta e dois anos, passou a presidir a Missão Padova Itália, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias! Deus viu em Felice um potencial que ele próprio não via em si. Quando tomou contato com o evangelho, Felice teve a honestidade e inteligência para aceitá-lo, ainda que, dias antes, estivesse importunando os missionários. O

Senhor estendeu a mão a Felice Lotito que agora faz o mesmo a milhares de compatriotas seus, e inspira centenas de missionários — missionários como aqueles que olhava com tão maus olhos poucos anos atrás.

Acreditem em si mesmos, não só pelo que são atualmente, mas pelo que poderão vir a ser!

Um dos motivos imperiosos de confiarmos em Deus é que nós só conseguimos ver o presente; ele não, ele pode ver o futuro. Esta experiência pessoal talvez seja bastante ilustrativa.

Em maio de 1945, eu era um assustado, e não muito competente soldado de infantaria do Exército dos Estados Unidos, combatendo em Okinawa. Ali vivi diversas experiências desafiantes e inspiradoras, incluindo uma dramática resposta a minhas orações, por ocasião de um terrível bombardeio de nossas posições. Isto mostrou-me que, mais uma vez, o Senhor ouvira e atendera minhas preces. Numa daquelas preces egocêntricas e honestas que fazemos, quando estamos realmente em perigo, prometi ao Senhor que, se me salvasse naquela ocasião, eu procuraria servi-lo por toda a vida. A oração foi atendida no mesmo momento. Naquela época, pensava tolamente que seria capaz de retribuir ao Senhor a graça concedida. Desde aí, minha dívida para com ele aumenta dia a dia.

Passando por Okinawa em 1973, descobri o exato lugar, agora toma-

do por um canavial, de minha trincheira durante aquele bombardeio. Poucas colinas mais adiante, tive o privilégio de falar numa capela repleta de santos locais e militares SUD — não muito longe de onde eu e muitos outros passamos noites atroztes há tantos anos. Logo haverá até mesmo uma estaca da Igreja em Okinawa!

Seria eu capaz de aceitar e entender o que aconteceria, se me fosse predito na primavera de 1945? O Senhor sabia, eu não.

Confiem no Senhor que conhece o fim desde o princípio — e *tudo o que há no meio!* Ele vê vocês como são, mas também o que poderão tornar-se! Entrementes, não deixem que seu atual senso de inadequação os impeça de crescer ou enfrentar seus desafios. Não permitam que pressões externas os induzam a opções que possam prejudicar sua eternidade.

O Senhor estendeu a mão ao seu eleito nas ruas da Itália, realizou promessas numa humilde aldeia maori, e fez surgir um momento de inspiração numa calma conversa durante a Guerra Coreana. Ele enxerga além de nossas limitadas trincheiras do momento e nos prepara, se for da sua vontade, para as capelas do nosso futuro!

Se apenas guardarem seus mandamentos, todos vocês, sem exceção, terão mais oportunidades de servir do que são capazes de imaginar; algumas delas estão ao seu alcance neste exato momento!

Fiquei preparando-me para a conversa a tarde inteira, ensaiando palavra por palavra em minha mente de quinze anos. A caminho de casa, rodando no ônibus escolar pelas ruas congestionadas de Teerã, recapitulei mais uma vez nosso diálogo imaginário.

Eu estava certo de que a imagem do Élder Kimball era a de um verdadeiro apóstolo — alto, imponente, de cabelos prateados e voz como a de Moisés. Quando chegássemos em casa, minha irmã e eu, perguntaria por que íamos à escola aos sábados, e eu lhe explicaria que, como não tínhamos aulas às sextas-feiras em respeito ao dia santificado dos muçulmanos, estudávamos também no sábado. Isto nos levaria a falar da escola em geral e então eu poderia expor-lhe o problema.

Lancei uma olhadela para minha

irmã, sentada ao meu lado, imersa em seus próprios pensamentos.

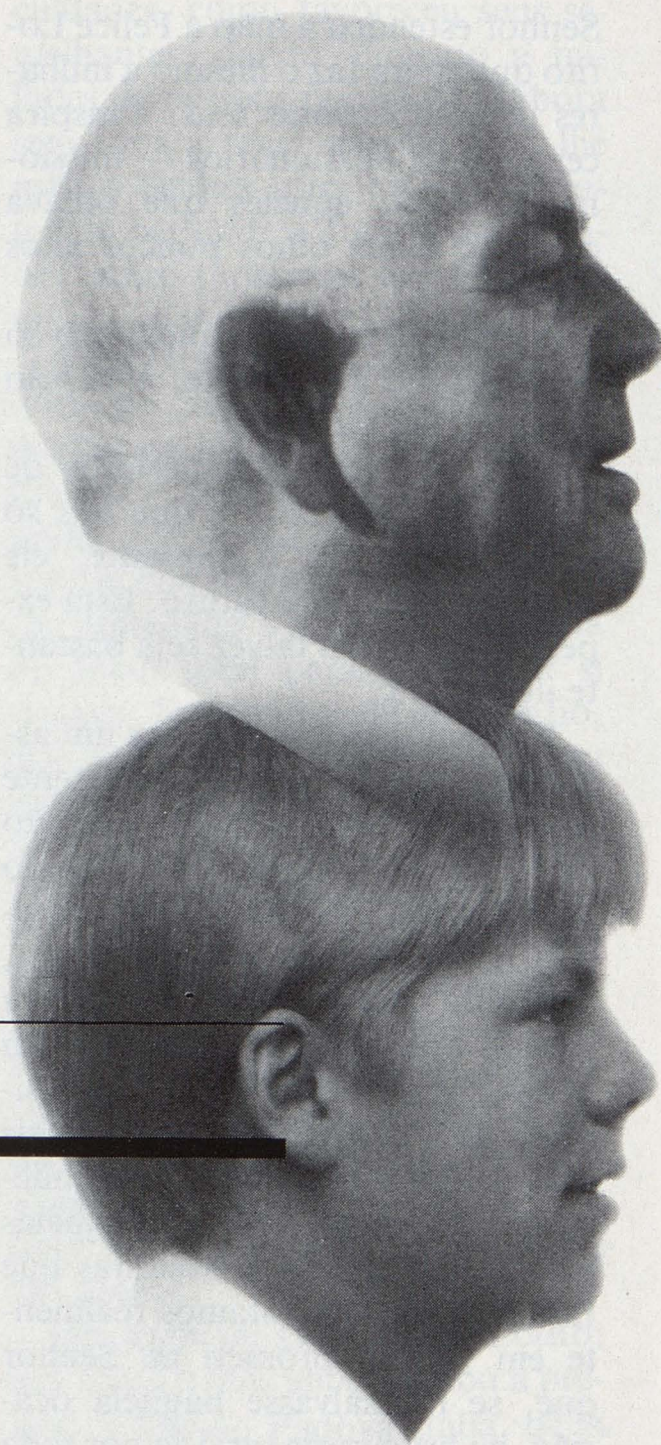
— Por que ele vem aqui, se está visitando as missões européias? — perguntei.

— Nós fazemos parte da Missão Suíça por estarmos muito isolados para ter uma missão própria.

— Ele vai passar a noite lá em casa?

— Não, acho que só vai jantar.

Tornei a olhar pela janela distraído, sem ligar para a cidade que habitualmente tanto me fascinava.



Voltei a visualizar mentalmente o Apóstolo Kimball, alto, cabelos brancos e voz de trovão.

Ele já estava lá quando chegamos, sentado na sala-de-estar com uma criança em cada joelho. Quando papai me introduziu na sala, ele desceu delicadamente os peque-

viam conversado com ele? Não, impossível, eles não podiam saber como fora ruim aquele dia.

— É a aula de estudos bíblicos, — acabei confessando, esquecido de meu plano ensaiado com tanto cuidado, diante de sua aparente presciência. Ele me esperou prosse-

A Voz Suave e Mansa

Kent A. Farnsworth

nos, levantou-se e me cumprimentou. Não era tão alto quanto eu esperara, mas — sim — tinha cabelos cor de prata. Esperei ouvir a voz apostólica soar majestosamente pela casa inteira.

— Como vai, meu jovem? — indagou com uma voz que não passava de um sussurro meio rouco. Fitei-o em perplexo silêncio. Ele sorriu calidamente, apontando para a própria garganta.

— É só uma imitação, — explicou. — Eles me instalaram uma voz nova tempos atrás, porque a outra estava doente, mas ainda não me arranjo muito bem com ela.

— Isso dói? — indaguei. Logo a seguir, dei-me conta de que a conversa não tomava o rumo planejado.

— Não, mas às vezes me cansa.

Indicando-me uma cadeira ao seu lado, voltou a sentar-se com uma criança radiante em cada joelho.

— Agora acho que você poderia contar-me como passou o dia, — propôs simplesmente. Voltei a fitá-lo calado. Será que meus pais ha-

guir.

— Nós freqüentamos um colégio protestante. E duas vezes por semana, somos obrigados a assistir à aula de estudos bíblicos. O professor gosta de me ridicularizar porque sou mórmon.

— E você, o que diz? — indagou com a voz rouca soando tão suave. Desviei o olhar, despreparado para a reviravolta da conversa. Não era assim que eu a imaginara — só perguntas em lugar de respostas.

— Eu sei o que é certo, — respondi, acabrunhado, — mas, às vezes, não consigo dizer o que sinto.

O Élder Kimball anuiu com a cabeça, acalmando com a mão uma das crianças irrequietas.

— Quem sabe você não está esquecendo uma coisa? — falou com sua voz sussurrada, que agora parecia ter perdido toda sua aspereza. — Quando você foi confirmado membro da Igreja, você recebeu um dom. Sabe do que estou falando?

Fiz que sim.

— Esse dom dá-lhe o direito de ter consigo um companheiro cons-

tante, um mestre. Talvez você já tenha ouvido falar dele como a voz suave e mansa. — Curvando-se, colocou a mão confortante sobre meu joelho: — Ela poderá dizer-lhe o que você precisa saber em momentos assim. Ela pode salvá-lo. Preste atenção a ela.

de determinada. Eu escolhera a altitude de 14.600 m, quase o limite máximo recomendado; quando nivelei o avião e olhei para o horizonte ocidental, pude ver a curvatura do globo terrestre. Ali, na quieta solidão dos céus, vendo o continente passando aos meus pés como

“Ela lhe dirá o que você precisa saber em momentos assim.”

Minhas lembranças do resto da noite são vagas, além da impressão de paciente empatia, calada preocupação e modesto bom-humor. A breve, porém poderosa lição do Elder Kimball sobre os sussurros do Espírito, ficou guardada nos mais profundos recônditos de minha memória, recebendo muito menos consideração do que mereceria. Foi só anos mais tarde, numa noite de primavera, que vim a compreender plenamente o que o apóstolo, agora nosso profeta, tentara ensinar-me.

Foi no dia do meu primeiro vôo de longa distância sozinho, ponto culminante de um ano inteiro de intenso treinamento como piloto da Força Aérea. Seis de nós deviam fazer o vôo de Lubbock, no Texas, até Phoenix, Arizona, decolando de vinte em vinte minutos por medida de segurança. Minha senha era Togo 29, e estava pilotando um jato de treinamento T-38. Como todos os que já pilotaram este avião, tive a sensação de ilimitado poder, quando decolei e subi para a altitu-

num filme, tive a sensação exultante de ser o rei dos ares. Abaixo da asa direita, estendia-se a cadeia majestosa das Montanhas Rochosas, mais parecendo ruguinhas na face envelhecida da terra. À esquerda, o deserto sulino espriava-se até a curvatura do firmamento. O mundo inteiro jazia aos meus pés. Fiz escala no aeroporto de Phoenix, percorrendo sua pista cheio de confiança.

Depois de rápido reabastecimento, subi novamente para o firmamento claro, tomando o rumo de casa. Eu era o último avião do grupo, seguindo a rota sudeste via El Paso, Texas, antes de rumar para Lubbock, no Texas. Enquanto sobrevoava o Novo México, nuvens negras começaram a avolumar-se no sudoeste; consultando o serviço meteorológico pelo rádio, soube que havia tempestades ao longo de minha rota no Texas. Aparentemente, entretanto, restava uma estreita passagem entre as frentes que permitiam chegar e aterrizar em Lub-

bock. Seguindo o rumo nordeste, os aviões a minha frente começaram a informar condições de tempo cada vez piores. O líder sofreu pane numa das turbinas durante forte rajada de vento, tendo de retornar à base precariamente, com uma única turbina funcionando. A calma soli-

desnortado àquela calma voz, uma voz que me guiou seguramente na descida até que, num momento de súbita calma, saí das nuvens e vi as luzes da pista a minha frente. Quando as rodas tocaram a pista, tive que me forçar para não parar no meio da pista e correr até o rebo-

dão dos céus se tornara subitamente um pesadelo. O combustível ia minguando. Novas tempestades à retaguarda impediam qualquer retorno. O granizo tamborilava violento contra a cobertura, e relâmpagos rasgavam o negro firmamento. Senti-me indefeso, suspenso bem alto sobre o abismo sem fundo. Passei meu rádio do Controle de Aproximação de Lubbock para o controle da Base da Força Aérea de Reese. Ali, num carro-reboque estacionado junto à pista, um controlador vigiava meu progresso em duas telas de radar, uma mostrando minha altitude em relação ao campo de pouso, e a outra minha posição em relação à linha central da pista. Quando consegui sintonizar a frequência, o tumulto da tormenta foi repentinamente interrompido por uma voz calma e confiante nos fones de ouvido.

— Togo dois nove, vire para a direita, rumo zero-três-zero.

Nos cinco minutos seguintes, confiei minha pessoa e meu avião

que para abraçar o dono daquela voz. Durante cinco minutos, minha vida esteve literalmente em suas mãos. Com a alma estourando de gratidão, ouvi mentalmente outra voz, a voz de um servo do Senhor falando-me do passado. E então eu soube o que ele quis dizer. Obviamente, não se referira à voz de um controlador de vôo, mas de outra voz suave e mansa que se faz ouvir em horas difíceis, dizendo: “Confia em mim, e eu te direi o que fazer.”

Desde o dia daquele pouso memorável, tenho ouvido a voz suave e mansa muitas vezes. Às vezes, atendi; outras, reassumindo um pouco o orgulho do rei dos ares, calei-a com o que considerava minha maior “sapiência”. Certa vez, durante umas férias na Inglaterra, eu estava procurando informações genealógicas. Andei de lá para cá entre dois vilarejos, Garthorpe e Gilberdyke, buscando em vão novos dados sobre determinada linha de antepassados. Toda vez que percorria a estrada entre elas, passava

por um sinal indicando a vila de Whitgift, cinco quilômetros e meio distante da estrada principal. E toda vez que via o sinal, tinha a impressão de que deveria visitar Whitgift. Na terceira vez, já passava de impressão — era a voz suave e man-

“O tumulto da tormenta foi repentinamente interrompido por uma voz calma e confiante nos fones de ouvido.”

sa falando-me quase tão audível quanto o controlador de vôo durante a tempestade em Lubbock.

“Dê uma chegada a Whitgift”, dizia. Cheguei a seguir um trecho da estrada, mas voltei antes de chegar no vilarejo, por não saber o que fazer quando lá chegasse. Cedendo ao que considerava minha “sapiência” superior, voltei e fui-me embora.

Chegando nos Estados Unidos, encontrei uma carta de minha tia, a mais ativa pesquisadora genealógica da família. No primeiro parágrafo, fazia-me saber que eu estivera errado, não atendendo às instruções da voz.

“Pena que não sabia onde encontrá-lo, enquanto estive na Inglaterra”, dizia na carta. “Logo depois que você partiu, descobri que a tal linha não tinha suas origens em Garthorpe nem Gilberdyke, mas

num pequeno vilarejo de Yorkshire, chamado Whitgift.”

Com a idade, quem sabe me tornei um pouco mais sábio. Em outras encruzilhadas e outras horas de dificuldades pessoais, a voz suave e mansa se fez ouvir, e eu lhe dei atenção. Sempre que a ouço, todavia, recorda-me outra voz — o sussurro rouco e áspero de um homem de Deus, dizendo: “Ela lhe dirá o que você precisa saber. Ela pode salvá-lo. Preste atenção a ela.”

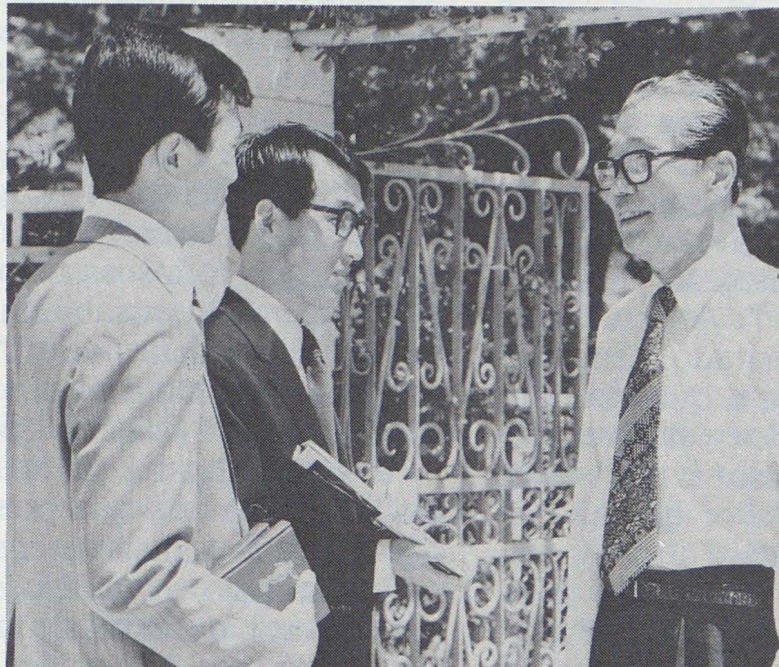
**PREZADO ASSINANTE:
Mudou-se ou vai mudar-se?**

**AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A
FIM DE NÃO FICAR SEM SUA
REVISTA.**

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa
Postal 26023 - 01000
São Paulo S.P.

O Presidente Kimball Fala a Respeito da OBRA MISSIONARIA



A coligação de Israel está em franco progresso. Centenas de milhares de pessoas estão sendo batizadas na Igreja. Outros milhões se filiarão a ela. E é assim que se fará a coligação de Israel. Ela se fará com o trabalho missionário. Nós temos a responsabilidade de executar esse trabalho missionário, e esperamos que não vos furteis a essa responsabilidade.

O evangelho não faz distinção de nacionalidades. Todos os povos do

mundo são filhos e filhas de Deus. Todos eles são nossos irmãos, e estamos ansiosos por cumprir nossa obrigação para com o Senhor Jesus Cristo, quando nos deu este mandamento fundamental: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura." (Marcos 16:15.)

Há poucos anos, perguntaram-me: "Deve todo moço, membro da Igreja, cumprir missão?" E eu respondi com as palavras do Senhor: "Sim, todo jovem deve cumprir uma missão." O Senhor espera isso

dele. E caso ele no momento não seja digno de fazê-lo, então deverá começar agora mesmo a qualificar-se. O Senhor instruiu: “Enviai os élderes da minha igreja às nações longínquas; às ilhas dos mares; enviai-os às nações estrangeiras; adverti a todas as nações, primeiro aos gentios, e depois aos judeus.” (D&C 133:8.)

Assim, pois, os élderes — os jovens da Igreja em idade de serem ordenados élderes — devem estar preparados e dispostos a cumprir uma missão para a Igreja em qualquer parte do mundo. Atualmente, apenas cerca de um terço dos moços elegíveis da Igreja cumprem missão de tempo integral! Um terço não é “todo jovem”. As estacas em geral que tenho visitado, têm apenas de vinte e cinco a quarenta por cento de seus rapazes elegíveis fazendo missão. Só isso! E onde estão os outros rapazes? Por que não estão saindo em missão?

Certamente todo membro masculino da Igreja *deve* cumprir uma missão, assim como *deve* pagar seu dízimo, *deve* comparecer às reuniões, *deve* manter-se limpo e livre das imundícies do mundo e planejar um casamento celestial no templo do Senhor.

Embora nenhuma dessas coisas seja compulsória, deve fazê-las para seu próprio bem.

Alguém poderia igualmente perguntar: “Deve toda moça, todo pai e mãe, todo membro da Igreja servir uma missão?” Novamente o Senhor responde: “Sim, todo homem, mulher e criança — todo jovem e todo garoto e garota — deve cumprir uma missão.” Isto não significa que devam cumpri-la longe de casa ou até mesmo ser chamados

formalmente e designados como missionários de tempo integral. Quer dizer, sim, que todos nós temos responsabilidade de prestar testemunho das verdades do evangelho que recebemos. Todos nós temos parentes, vizinhos, amigos e colegas de trabalho, e cabe-nos a responsabilidade de transmitir-lhes o evangelho, tanto pelo exemplo como por preceito.

Quão emocionante é, meus queridos irmãos, companheiros no reino de Deus, confiar-nos o Senhor a missão de servir como mensageiros de sua palavra aos nossos irmãos que não são membros da Igreja. As escrituras declaram, com absoluta clareza, que todos os membros da Igreja têm a responsabilidade de fazer trabalho missionário: “Todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo.” (D&C 88:81.)

Não devemos ter medo de pedir aos nossos jovens que prestem serviço aos seus semelhantes ou se sacrifiquem pelo reino. Nossa juventude possui o senso de intrínseco idealismo; por isso, não devemos sentir receio em apelar a esse idealismo, quando os chamamos para servir.

Certo jovem ilustrou perfeitamente esse idealismo, ao dizer recentemente: “Espero que, quando for chamado para sair em missão de tempo integral, eu seja *chamado* e *informado* de que o Senhor quer que eu vá, e que é o meu *dever*, em lugar de dizerem que a missão me fará bem.”

Todos os rapazes da igreja deveriam ter vontade de cumprir missão, como também deveriam ajudar seus pais a cumprirem missão depois de os filhos estarem criados. Os jovens devem estudar o evangelho, prepa-

rar-se para servir na Igreja e guardar os mandamentos com a máxima diligência possível.

Os rapazes que há dezenove anos vêm planejando cumprir missão, serão mais produtivos, mais eficientes e terão mais sucesso quando servirem; e maior número de pessoas entrará para a Igreja, fomentando mais entusiasmo, criando uma reação em cadeia. Haverá outra coisa capaz de provocar maior reação em cadeia e afetar mais interesses e pessoas?

Podeis imaginar o que aconteceria aos programas de seminário e instituto com tão grande número de jovens maravilhosos fazendo planos para uma missão, desde o nascimento até a idade de freqüentar o seminário? Os prédios de seminários e institutos ficariam transbordando de um novo tipo de maturidade e retidão que dariam uma nova imagem à Igreja. A moralidade dos jovens seria grandemente aumentada. Eles aprenderiam a ser limpos e retos de uma forma inteiramente nova. Podeis imaginar o que aconteceria com a freqüência à reunião sacramental e reunião do sacerdócio?

Desejo que toda moça e rapaz possa freqüentar o seminário, pois é ali que aprendem muitas verdades do evangelho, onde muitos deles estabelecem seus ideais quanto ao que fazer, concitando-os à missão.

Lembrai-vos de que custa dinheiro pregar o evangelho nas diversas partes do mundo. Lembrai-vos, então, de que tendes o privilégio de começar vossa poupança agora.

Toda vez que receberdes algum dinheiro, seja salário ou um presente, guardai ao menos parte dele pa-

ra vossa missão. É a vossa missão; é a vossa oportunidade e responsabilidade. Lembrai-vos de que centavos se transformam em cruzeiros, e sacrifício por uma causa justa edifica o caráter.

É dever de toda pessoa preparar-se para essa solene obrigação e privilégio. Ao aprender o alfabeto, a tabuada e as coisas que são requisitos prévios para seus estudos universitários, a pessoa está preparando-se para o trabalho de sua vida. Da mesma forma, deve estar preparando-se durante todos os dias de sua infância e juventude para a grande missão da mocidade e do crescimento espiritual de sua vida.

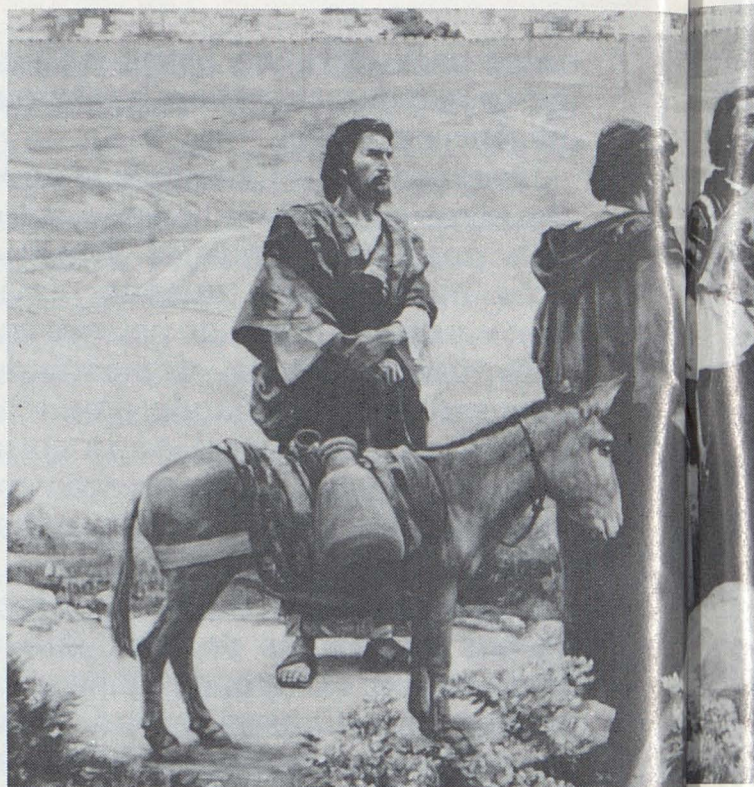
Essa preparação consiste, grandemente, de esforços feitos em três áreas:

1. Manter sua vida limpa e digna, conservando-se livre de todos os pecados do mundo. (O Senhor garante o perdão, desde que haja arrependimento pleno. Se houve problemas, é preciso haver uma transformação total na maneira de viver, para que se possa ser perdoado.)

2. Preparar a mente e o espírito — para conhecer a verdade. Chegar à idade de missão e ser iletrado no evangelho ou nas outras coisas, é um desperdício inimaginável. Certamente, ao tempo em que o rapaz chega ao seu décimo-nono aniversário, deve estar preparado para sair de seu papel convencional no lar, para o importante papel de missionário sem uma reorganização total de sua vida, seus padrões ou treinamento.

3. Estar apto a financiar sua missão, a fim de que ela possa ser uma contribuição pessoal, tanto quanto possível. Como seria maravilhoso, se cada futuro missionário pudesse

“Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mateus 28:19.)



ter economizado desde o nascimento para sua missão. Como seria maravilhoso, se todo rapaz pudesse financiar totalmente ou em grande parte sua própria missão, recebendo, assim, a maior parte das bênçãos provenientes de seu trabalho missionário.

É claro que, se o rapaz se converteu na adolescência, seus anos de poupança serão limitados. Ou se viver num país de baixo padrão econômico e oportunidades bastante limitadas, ainda assim poderá ater-se a esta norma e fazer o melhor possível.

Nosso trabalho é pregar o evangelho ao mundo. Não é um trabalho assumido por nós, mas um mandamento divino. Diz o Profeta Joseph Smith: “Depois de tudo o que foi dito, o maior e mais importante dever é pregar o evangelho.” Todos os outros programas são extremamente importantes; no en-

tanto, logicamente não podemos influenciar as pessoas, antes de tê-las dentro da Igreja.

Quando o Salvador esteve no Monte das Oliveiras, nos arredores de Jerusalém, com todos os seus apóstolos, e elevou os olhos aos céus, pareceu descortinar o grande trabalho que seria necessário para reunir a Israel dispersa.

Penso que via a Rússia, China, Índia e toda a Ásia. Acredito que estava vendo as ilhas do mar, e a América do Sul e do Norte, e também o Oriente Próximo.

Pergunto-vos, o que quis dizer quando falou aos apóstolos no Monte das Oliveiras: “E ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra?” (Atos 1:8)

Estas foram suas últimas palavras antes de ascender a seu lar celeste.



O que quer dizer “até os confins da terra”? Ele já percorrera a região conhecida dos apóstolos. Seria o povo da Judéia? Ou da Samaria? Ou os poucos milhões do Oriente Próximo? Onde ficam os “confins da terra”? Referia-se ele, porventura, aos milhões da atual América? Incluía as centenas de milhares ou mesmo milhões da Grécia, Itália, países mediterrâneos e habitantes da Europa Central? Ou, acaso referia-se a todas as pessoas vivas do mundo inteiro e aos espíritos destinados a vir ao mundo nos séculos vindouros? Teremos subestimado sua linguagem ou intenção? Como podemos sentir-nos satisfeitos com cem mil conversos entre quatro bilhões de habitantes do mundo que necessitam do evangelho?

Disse o Salvador:

“É-me dado todo o poder no céu e na terra.

“Portanto, ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mateus 28:18-19.)

Ele disse “todas as nações”.

Lembrai-vos de que temos Deus por aliado. Ele é o nosso comandante. Ele fez os planos, deu o mandamento.

O Senhor prometeu-nos grandes bênçãos em proporção ao nosso desempenho na pregação do evangelho. Receberemos ajuda do outro lado do véu em forma de milagres espirituais. O Senhor disse que nossos pecados nos serão perdoados mais prontamente, se trouxermos almas a Cristo e perseverarmos em prestar testemunho ao mundo. Sem dúvida, todos nós, sem exceção, precisamos de ajuda para sermos perdoados. (Vide D&C 84:61.) Em uma das maiores escrituras missionárias, seção 4 de Doutrina e Convênios, é-nos dito que, caso sirva-

mos ao Senhor no serviço missionário “de todo o coração, poder, mente e força”, poderemos “comparecer sem culpa perante o tribunal de Deus no último dia”. (Vers. 2.)

E diz mais o Senhor:

“E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

“E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas!” (D&C 18:15-16.)

Se alguém trabalhar todos os seus dias e conseguir salvar apenas uma alma! Quanta alegria! Uma alma! Que preciosidade! Oh, que Deus nos dê essa espécie de amor às almas!

Como são maravilhosas as oportunidades de nossos missionários! Estão fazendo a preparação final para o trabalho de sua vida. Eles não mais serão homens e mulheres comuns. Cada um deles tem de ser especial, para que o Senhor os aprove e aprecie. Estou falando de todos aqueles que deveriam estar, como dos que estão em missão.

Hoje, edificam sua vida como se dispusessem de montes de cascalho e pilhas de madeira para a obra. Se pudéssemos ver nossa vida hoje e daqui a vinte anos, poderíamos voltar e decidir: Foi naqueles anos em que fui missionário que tomei as decisões mais importantes da vida.

Acaso pensais que o único motivo de o Senhor vos ter chamado para a missão é pregar o evangelho? Ab-

solutamente não. Isto é importante. Porém, são chamados também ao campo missionário para transformar filhos e filhas de Deus em fortes e poderosos líderes futuros.

Um grande profeta do Senhor disse, certa vez, a um grupo de missionários: “Estais sendo desobrigados desta missão. Cumpristes dois anos; mas não sois desobrigados de vossa missão na vida, e jamais o sereis. Vossa missão é para o resto de vossa vida, e receberéis outros encargos adicionais.”

Tendes dezenove anos quando sois chamados; tereis, talvez, setenta e nove quando morrerdes. Nesses sessenta anos, quanta influência benéfica podereis exercer! E é preciso que o façais! É um negócio sério. Não estamos apenas convidando pessoas para cumprir missão. Estamos dizendo: este é o trabalho! Vós estais sendo chamados pelo próprio Deus dos céus, através de seus profetas. Todo homem, mulher e criança que conhece o evangelho e foi batizado, tem parte nessa responsabilidade.

Não temo, de modo algum, que a luz acesa em Jerusalém há anos jamais se apague. Ela brilhará cada vez mais. Esta é a obra do Senhor. Nós estamos a seu serviço. Ele nos ordenou explicitamente, embora ainda sejamos desconhecidos entre muitos povos da terra. Está em tempo de cingir nossos lombos e pôr mãos à obra com renovada dedicação. Nós nos comprometemos, vós e eu, a fazê-la. Possamos todos nós dizer como o jovem, encontrado pelos pais preocupados no templo entre os doutores: “... me convém tratar dos negócios de meu Pai.” (Lucas 2:49.)

AMOR

Por Becky Smith

Algumas vezes não somos capazes de usar o dom do Espírito Santo porque nosso coração não está pleno de amor para com nosso Pai Celestial ou para com nossa família e amigos. Há uma escritura que diz que devemos governar nossas emoções - raiva, pesar, ciúme e medo - para que sejamos cheios de amor.

Não sei como acontece com outras pessoas, mas às vezes, quando tenho um péssimo dia na escola, ou quando meus amigos querem que eu faça algo que não é certo, ou quando parece que o mundo inteiro está contra mim, não me considero amada. A vida é terrível! Onde posso procurar nessas ocasiões o tipo de amor que anima e aquece nosso coração? Nossa família é um bom lugar para começar. Quase sempre ela pode vir em nosso auxílio e reafirmar-nos seu amor. Mas de vez em quando minha família não entende exatamente como me sinto.

Há uma pessoa, porém, que nunca nos faltará se lhe abirmos a porta. É nosso Pai Celestial, nosso melhor amigo. Quando tento falar-lhe em oração, logo sei que estou perto dele e que ele entende o que está

ocorrendo comigo. Eu não suportaria as pressões e oposições que estão a nossa volta, se não soubesse que posso depender do amor de nosso Pai Celestial.

Gosto da história de Mary Ann Freeze, líder das Moças de uma estaca de há anos atrás. Sua saúde era muito precária e certo dia todos os membros da junta e as moças da estaca jejuaram e oraram por ela. Ela conhecia a força do amor e orações daquelas irmãs. Naquela noite ela escreveu em seu diário: "Sempre soube que me amavam, mas nunca com tamanha intensidade. Todas concordamos que aquela experiência criara um laço de amor muito poderoso entre nós."

É maravilhoso usufruir do amor de nossa família e amigos. E se nos voltarmos para o Pai Celestial e mostrarmos nosso amor, conheceremos seu amor por nós. E com seu amor, podemos fazer qualquer coisa.

(Discurso proferido na Conferência Geral das Moças realizada no Tabernáculo de Lago Salgado, em 28 de março de 1981)

